

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E O TRABALHO COM IDOSOS – UMA EXPERIÊNCIA NUM CENTRO DE DIA

Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob orientação da Professora Doutora Teresa Medina.

Ana Rita Lopes Correia

2013

Resumo

Este documento visa terminar um processo de formação académica, iniciado há cinco anos com a entrada na licenciatura em Ciências da Educação e culminando na escrita deste relatório, no fim do 2º ciclo de estudos, através da via profissionalizante, no domínio de Desenvolvimento Local e Formação de Adultos. O relatório de estágio aqui apresentado procura dar conta do meu percurso, numa instituição destinada à população mais idosa, com uma duração de cerca de três meses.

A escolha deste local de estágio foi muito importante para mim, na medida em que me ofereceu a oportunidade de conhecer melhor uma população com características muito específicas. Através de muitas conversas, ganhei um maior conhecimento sobre o que aqueles idosos pensam, dos seus ideais e das suas rotinas, o que fez com que eu me construísse pessoal e profissionalmente. Com o decorrer do estágio percebi, também, em que medida as teorias apreendidas durante todo o curso se podem integrar no meio profissional, o que faz com que os ensinamentos apreendidos fizessem muito mais sentido quando envolvidos na prática, oferecendo uma rede de apoio às ações desenvolvidas no local de estágio.

Assim, este relatório de estágio visa dar a conhecer os pontos mais altos do meu percurso num Centro de Dia, a partir da relação que criei com os idosos e com a equipa técnica.

Abstract

This paper aims to complete a process of academic education, one that started five years ago with beginning the degree on Educational Sciences and ending with the writing of this report, at the end of the 2nd cycle of studies, through professional training, in the field of Local Development and Adult Learning. The internship report presented here seeks to present my journey in an institution for older people with duration of approximately three months.

The choice of this location of internship was very important for me because it offered me the opportunity to learn more about a population with very specific characteristics. Through many conversations, I gained a greater insight into what those people think, about their ideals and their routines, something that made me grow at a personal and professional level. As the internship passed by, I also realized the extent into which the theories learned throughout the course can be integrated in the professional environment, which made the lessons learned make much more sense when involved in practice, offering a support network for the actions that were developed in the internship site.

Thus, this internship report aims to disclose the highest points of my journey at the Day Centre, starting with the relationship created with the elderly and with the technical team.

Résumé

Ce document vise à compléter un processus de formation académique, un processus qui a commencé à cinq ans avec l'entrée en la licence de études en sciences de l'éducation et culminant dans la rédaction du présent rapport, à la fin du 2ème cycle d'études, par la voie professionnel, dans le domaine du Développement Local et la Formation des Adultes. Le rapport de stage présenté ici vise à rendre compte de mon voyage dans un établissement pour personnes âgées avec une durée d'environ trois mois.

Le choix de ce lieu de stage a été très important pour moi car il m'a offert l'occasion d'en savoir plus sur une population ayant des caractéristiques très spécifiques. Grâce à nombreuses conversations, j'ai acquis un meilleur aperçu de ce que les gens pensent, ses idéaux et ses routines, ce qui m'a fait croître au niveau personnel et professionnel. Au cours du stage, que j'ai remarqué aussi comme les théories apprises au long du cours peuvent s'intégrer dans le milieu professionnel, qui rendre les leçons apprises plus logiques lorsqu'il agit dans la pratique, offrant un réseau de soutien aux actions mises en place sur le lieu de stage.

Ainsi, ce rapport de stage a pour but de divulguer les points culminants de mon parcours dans le Centre de Jour, à partir de la relation créée avec les personnes âgées et l'équipe technique.

Agradecimentos

À minha mãe que tornou todo este percurso possível. Agradeço toda a sua dedicação, empenho e carinho para que me pudesse tornar numa pessoa mais forte e mais capaz para encarar a vida, contornando todos os seus obstáculos sempre com um sorriso.

Ao Victor por estar sempre a meu lado nos bons e nos maus momentos, por me incentivar a continuar nas horas menos boas e por todo o amor e carinho que nos une.

Ao meu irmão que, perto ou afastado, faz parte de mim e da minha história apoiando-me e protegendo-me sempre à sua maneira.

Ao meu pai pois, apesar da nossa história, a vida voltou a juntar-nos.

À minha orientadora, e professora, Teresa Medina que sempre nos apoiou e dedicou o seu escasso tempo a apoiar o meu trabalho, assim como o de outros colegas, e deu-me a conhecer várias formas de olhar a sociedade e de como podemos ajudar a melhorá-la.

Aos idosos que fizeram parte do meu estágio, o meu maior agradecimento pelos momentos passados juntos, pelas conversas e pelas aprendizagens que me transmitiram durante o tempo em que frequentei a sua instituição.

Por fim, à equipa técnica do Centro de Dia que me recebeu de braços abertos e ajudou-me a ultrapassar algumas dificuldades sentidas durante o percurso de estágio. Têm todos um lugar no meu coração.

Índice

Introdução.....	11
Capítulo I – Envelhecimento e Velhice	17
1.1 - Qualidade de vida nos Idosos.....	19
1.2 - Os Idosos, a Família e as Suas Relações Sociais	21
1.3 – Instituições de apoio aos Idosos	24
1.4 - Os Centros de Dia.....	26
Capítulo II – A Animação Sociocultural como Modelo de Intervenção	29
2.1 - Animação Sociocultural.....	31
2.2 - Trabalhar em Animação	34
2.3 - A Animação Sociocultural com Idosos	35
Capítulo III - Integração na Instituição e Percorso de Estágio	39
3.1 - Integração no Contexto de Estágio	41
3.2 - Preocupações Metodológicas	42
3.3 - Caracterização da Instituição	46
3.4 - O Dia-a-Dia na Instituição.....	50
Capítulo IV – Atividades Desenvolvidas durante o Percorso de Estágio....	55
4.1 - Ocupar Tempos e Espaços.....	57
4.2 - Atividades Natalícias	60
4.3 - Relações Presentes no Centro de Dia	63
i. Os Idosos.....	64
ii. Os Idosos e o Centro de Dia.....	66
iii. A Equipa Técnica.....	70

Capítulo V - As Ciências da Educação e a sua Importância na Intervenção Social.....	75
Considerações Finais	81
Bibliografia	87
(Anexos em CD)	

INTRODUÇÃO

Introdução

As Ciências Sociais e Humanas procuram obter um conhecimento científico sobre os aspetos do mundo social, dos comportamentos individuais e das interações sociais existentes. Assim, o campo educativo implica pensar os discursos, as políticas e as práticas quotidianas pois depende de conceitos e de visões que fazem parte dos intervenientes e do meio em que a intervenção ocorre. Por isso, torna-se relevante referir que as ciências da educação tornaram-se importantes na análise da sociedade e dos problemas sociais.

Através da frequência do Mestrado em Ciências da Educação, no domínio de Desenvolvimento Local e Formação de Adultos, considerei importante a realização de um estágio para poder obter um maior e melhor conhecimento sobre a profissionalização em Ciências da Educação. Assim, decidi seguir a via profissionalizante, na medida em que me daria a oportunidade de me integrar numa instituição de intervenção social e de conhecer a vertente do trabalho em animação sociocultural, as suas teorias e formas de trabalho. O meu estágio foi realizado num Centro de Dia, situado no centro da cidade do Porto, e teve uma duração de cerca de três meses. O nome da instituição não será revelado em todo o relatório para que possa preservar o anonimato dos idosos e da equipa técnica envolvida em todo o processo de estágio. A elaboração deste relatório tornou-se relevante para colocar um término no meu percurso académico mas, mais importante que o final desta etapa, foi o percurso realizado, que permitiu a construção de aprendizagens e um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, através da interação com as pessoas que integram a instituição onde decorreu o estágio.

A escolha por trabalhar na área da animação sociocultural aconteceu devido ao conhecimento adquirido previamente sobre este processo de trabalho, durante a licenciatura. Como o trabalho em animação sociocultural é um trabalho de intervenção social, ou pelo menos espera-se que assim seja, as relações e as comunicações existentes entre os profissionais e o público com quem se trabalha tornam-se muito importantes e relevantes para o desenvolvimento das populações. Contudo, é preciso ter em conta o tipo de pessoas com que se trabalha. No caso do meu percurso de estágio, a minha escolha por um centro de dia deveu-se ao constante crescimento da

população idosa, tornando-se importante estudar as suas especificidades para perceber a importância da ação neste contexto tão característico. Em suma, tentei perceber como é que este tipo de instituição se relaciona com os idosos, como combate o seu isolamento e de que forma promove a qualidade de vida dos mesmos, tendo por base a animação sociocultural. Inclusive, podemos considerar que esta pode ser uma profissão de futuro, na medida em que, como as estatísticas demonstram, temos vindo a assistir a um grande aumento da população idosa, pelo que é cada vez mais necessária a existência de profissionais capazes de trabalharem e de cuidarem dos idosos.

Este relatório de estágio encontra-se dividido em seis capítulos. O primeiro, intitulado de “Envelhecimento e Velhice”, tenta dar a conhecer as especificidades do público-alvo da minha intervenção, os idosos. Este capítulo aborda o crescimento demográfico da população idosa e as suas características, as questões sociais associadas a este aumento populacional, que estão a ser alvo de estudos, como uma tentativa de responder às necessidades médicas, sociais, culturais e pessoais dos idosos. A partir deste ponto, é igualmente importante falar das relações sociais dos idosos, como a sua família ou o seu grupo de amizades. Posteriormente, e tendo por base as interações referidas anteriormente, penso ser importante falar das pessoas que envelhecem num contexto urbano, visto que o centro de dia, onde decorreu o meu estágio, situa-se na cidade do Porto e as vivências e problemas dos idosos nas cidades é diferente dos que ocorrem em meios rurais. Uma vez que me cingirei ao contexto urbano e ao desenvolvimento dos idosos nestes meios, é importante falar dos centros de dia urbanos, o que os define, como se espera que executem o seu trabalho e as respostas sociais oferecidas aos idosos. Este ponto será abordado numa perspetiva oficial, baseado em leis e protocolos feitos com a segurança social.

No segundo capítulo, com o título “A Animação Sociocultural como um Modelo de Intervenção”, abordam-se as questões da animação sociocultural e da sua importância na intervenção social com os mais variados grupos etários, étnicos e culturais. No entanto, muitos autores defendem que existem muitas formas de se trabalhar a animação sociocultural: alguns defendem um trabalho mais técnico, direcionado para a ocupação de tempo livre, ou seja, preparar atividades de lazer para as pessoas ocuparem o seu tempo e para se sentirem ocupadas, outros defendem um

trabalho com as pessoas e preparam, em conjunto, diferentes atividades e momentos de desenvolvimento pessoal e social, tendo em conta os interesses daqueles com quem se trabalha. Contudo, o meu estágio aconteceu com uma população mais velha e, por esse motivo, este capítulo também aborda a animação sociocultural pensada para e com idosos, na medida em que esta população tem características muito específicas, devido ao seu desenvolvimento fisiológico e psicológico, que por vezes pode ficar afetado pela perda do trabalho remunerado, o que leva a que tenha muito tempo livre e não saiba ou não tenha condições para o aproveitar da melhor forma possível.

O terceiro capítulo, com o título “Integração na Instituição e Percurso de Estágio”, dá a conhecer a minha integração no contexto de estágio, tendo em conta a minha entrada e o meu percurso na instituição. Neste mesmo ponto abordo, também, o processo que permitiu toda a intervenção descrita neste relatório e o conhecimento obtido sobre a instituição onde decorreu o meu estágio. Todos os dias fui escrevendo notas de terreno (Anexo 1), tentando descrever o que acontecia no centro de dia, as suas rotinas, as conversas, os conflitos e as amizades existentes. Este método de investigação apoiou-me em todo este processo de estágio e de escrita, lembrando-me momentos importantes e fornecendo-me várias perceções, através de diversas leituras feitas após a conclusão do estágio. Contudo, e apesar de as notas de terreno serem o meu maior suporte na redação deste relatório, tive também em conta documentos oficiais da instituição, como as normas e os processos individuais dos utentes, uma entrevista que realizei à diretora do Centro (Anexo 2) e uma conversa informal, gravada, que tive com os idosos (Anexo 3). Depois das leituras feitas procedi à análise de conteúdo. Posteriormente, e ainda neste capítulo, abordarei a minha integração no contexto de estágio, tendo em conta a minha entrada, o meu percurso e a minha saída da instituição. A seguir, farei uma caracterização da instituição, primeiro com um cariz mais oficial e depois tendo em conta o dia-a-dia na instituição e as suas rotinas. Penso ser importante referir que esta informação se encontra neste capítulo, na medida em que foi utilizada toda a informação oficial da instituição para o conhecimento da mesma.

O quarto capítulo deste relatório de estágio, intitulado de “Atividades Desenvolvidas durante o Percurso de Estágio”, aborda as atividades feitas na

instituição. Num primeiro ponto, tenho em conta as atividades realizadas entre uma terapeuta ocupacional e os idosos que frequentam aquele espaço. Num segundo ponto abordo algumas atividades realizadas por alguns idosos comigo e de que forma é que esses momentos foram importantes para eu poder manter uma relação com eles. No terceiro ponto deste capítulo, e tendo em conta as atividades referidas anteriormente, estarão presentes as relações existentes naquele espaço destinado à população idosa. Estas relações acontecem entre os idosos, os idosos e a instituição e entre a equipa técnica. A instituição onde decorreu o meu estágio é pequena, lembrando uma grande família, com várias interações e várias relações entre iguais e entre pessoas mais ou menos distantes, pelo que é importante tentar perceber em que medida é que estas relações podem construir uma instituição e como essas interações podem ser úteis para um desenvolvimento cognitivo e emocional de cada pessoa presente naquela casa.

O quinto capítulo, “As Ciências da Educação e a sua Importância na Intervenção Social”, tenta fazer uma ligação entre a profissionalidade em ciências da educação e a intervenção social. Este capítulo torna-se pertinente para este relatório, na medida em que tenta compreender como é que os especialistas em educação e formação podem exercer a sua profissão no campo social. Assim, este capítulo tenta dar a conhecer as possibilidades de profissionalização de um mestre em ciências da educação, principalmente numa vertente de trabalho com idosos parcialmente institucionalizados.

Em último lugar, e como o próprio título indica, abordarei as “Considerações Finais” deste relatório de estágio. Este ponto tem a intenção de dar a conhecer as últimas conclusões deste trabalho e do percurso de estágio, tendo em conta as características da população idosa e o conhecimento da profissão em animação sociocultural.

CAPITULO I
ENVELHECIMENTO E VELHICE

Capítulo I – Envelhecimento e Velhice

1.1 - Qualidade de vida nos Idosos

A população mundial está a crescer rapidamente. Como descreve Fontaine (2000: 19), «a humanidade atinge o seu primeiro bilião de habitantes em 1801, o segundo em 1925 (...), o terceiro em 1959 (...), o quarto em 1974 (...), o quinto em 1986», sendo o sétimo bilião atingido no fim do ano de 2011 e estando previsto que os dez biliões serão atingidos no ano de 2040. Este aumento deve-se, principalmente, à diminuição da mortalidade infantil e ao aumento da esperança média de vida, tudo isto devido à melhoria da qualidade de vida e aos avanços na área da saúde. Atualmente, Portugal é um país cada vez mais envelhecido e com uma baixa taxa de natalidade e a previsão é para um declínio cada vez maior.¹ Se «em 1970, Portugal era um dos países mais jovens da Europa» (Fernandes, 1997: 34), em 2006 era anunciado, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), que havia 112 idosos por cada 100 jovens.² Este aumento da população mais velha acontece, não só pela baixa taxa de natalidade, mas também pelo aumento da esperança média de vida e pelos movimentos migratórios, que fazem com que a população mais ativa abandone o seu país para procurar melhores condições de vida. Como a esperança média de vida ronda os 78 anos, uma pessoa que se reforme aos 65 anos passa uma média de 13 anos “inativa”, após ter passado, muitas vezes, mais de 40 anos a trabalhar, o que pode fazer com que precise de algum apoio para esta nova fase da sua vida.

Assim, e perante estes dados, é necessário que o país garanta uma boa qualidade de vida à sua população, sem discriminar nem os mais novos nem os que têm mais idade. Essas garantias podem ser dadas através de medidas que o próprio Estado pode desenvolver, principalmente nas questões do envelhecimento ativo, na medida em que nunca existiram tantas pessoas idosas como nos dias de hoje. Apesar de existirem variadas definições sobre o envelhecimento ativo, penso que a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) é a mais correta, na medida em que define o

¹ Dados divulgados em <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2012/02/16/portugal-e-dos-paises-mais-envelhecidos-medidas-de-incentivo-a-natalidade-nao-tem-funcionado>

² Dados divulgados em http://jpn.icicom.up.pt/2008/02/25/ine_ha_112_idosos_por_cada_100_jovens_em_portugal_.html

envelhecimento ativo como um *«processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas»* (OMS, 2005: 13). Esta designação, pensada na década de 1990, afasta-se do conceito de envelhecimento saudável, pois esta tem só em conta as condições de saúde dos idosos, e tenta abranger áreas mais diversificadas, como a participação social e cultural, a autonomia, a auto-organização, entre outros, na medida em que *«baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas»* (*idem*: 14). Como refere Ferreira (2011), este é o maior desafio das sociedades atuais. Para este autor, a promoção de medidas já existentes promove maioritariamente a atividade das pessoas mais idosas mas ainda falta uma maior discussão sobre o tema e as políticas que o podem abranger. Já Gonçalves, Martín, Guedes, Pinto e Fonseca (2006) referem que a promoção da qualidade de vida nos idosos deve ter em conta o desenvolvimento físico, o que *«implica considerar critérios multidimensionais, como a manutenção da rede social e de actividades significativas»* (*idem*: 137).

É possível afirmar que o envelhecimento e a velhice são inerentes à vida humana e não podemos fugir disso. É um facto. No entanto, as sociedades não conseguem, muitas vezes, aceitar a vida como um ciclo vital e tentam evitá-lo a todo o custo pois vivemos numa *«sociedade fortemente hedonista que cultiva a imagem e a vivência de um corpo saudável e belo a qualquer preço»* (Carvalho, 2002: 7). No entanto, a velhice não tem de ser, obrigatoriamente, a separação entre o novo e o velho, isto é, não podemos dizer a uma pessoa de mais idade para se comportar como um jovem como também não podemos dizer a um jovem para se comportar como um idoso. Cada pessoa deve respeitar a idade que tem e viver ativamente consoante essa mesma idade e, acima de tudo, aceitá-la.

Atualmente, a velhice tornou-se numa questão social a que tem de se dar diferentes respostas o mais depressa possível, tentando manter os idosos ativos e ocupados. Nas últimas décadas têm sido feitos muitos estudos e investigações com base nas questões do envelhecimento, essencialmente a nível físico e mental. A nível social, os estudos realizados têm em vista a preocupação com o aumento da população envelhecida e as questões sociais a que tentam dar resposta, como as reformas, o isolamento ou as atividades diárias de cada um. Socialmente, ser idoso é

entrar na idade da reforma, mas algumas pessoas ainda podem contribuir, e muito, para a sociedade e para o seu desenvolvimento individual, não se justificando a sua exclusão. Como nos conta Casara (2007), a reforma foi conseguida como um direito dos operários europeus estando, nos dias de hoje, instaurado em todos os países desenvolvidos. Assim, a reforma deve *«garantir uma renda permanente para prover dignamente as necessidades e o nível de vida das pessoas»* (idem: 254). Com mais uma nova etapa da vida, os idosos têm de repensar nas suas relações sociais e familiares, na sua vida para além do trabalho, no seu novo nível de vida, entre outros (Casara, 2007). Com todas estas interrogações, os idosos podem sentir-se incapazes de seguirem com as suas vidas, principalmente se não tiverem uma boa retaguarda. Com isto, e tendo em conta o maior tempo livre que têm, o Estado deverá responder às inquietudes dos idosos, principalmente na área do lazer e na ocupação do seu tempo *«ficando mais próximo dos desejos e necessidades de cada um»* (idem: 262).

1.2 - Os Idosos, a Família e as Suas Relações Sociais

Num passado não muito antigo, tomar conta das pessoas mais idosas cabia às famílias, principalmente às mulheres, mais concretamente às filhas. Mesmo nos tempos que correm, ainda se ouve muitas pessoas de meia-idade com esse discurso e algumas ficam preocupadas pois só têm filhos rapazes e têm “esperança que as noras as aceitem”. Estes discursos são baseados no pensamento dominante na sociedade e no que esta considera ser uma obrigação familiar para com os mais velhos, como uma espécie de troca de papéis pois, os que foram pais e mães dos seus descendentes precisam, agora, que estes sejam os seus “pais” e “mães”. Por isso, o papel da família continua a ser muito importante para a manutenção da qualidade de vida dos idosos, tornando-se no primeiro pilar dos mesmos, *«existindo também uma interdependência de afectos e emoções»* (Imaginário, 2004: 72). No entanto, com as pressões crescentes da vida quotidiana, muitas famílias não têm tempo ou condições para se ocuparem das pessoas mais velhas, pelo que o Estado tem de assumir as suas responsabilidades, em conjunto com as famílias, implementando diferentes soluções (como lares, centros de dia, entre outras) que assegurem a qualidade de vida e o bem estar dos idosos, bem como a manutenção de relações e interligações sociais com os mais variados grupos etários.

A família continua a ser o elo mais forte nas relações intergeracionais, pois é onde se encontra um grande grupo das mais variadas idades. A relação entre avôs/avós e netos/as pode ser muito importante para que existam mutuas aprendizagens, que vão passando de geração em geração, e que se vão alterando conforme os contextos históricos e culturais. Esta relação entre mais velhos e mais novos permite um olhar mais sério e verdadeiro entre os dois, sem pensarem nos estereótipos que a sociedade impõe ou nos olhares externos de outras pessoas próximas. No entanto, Paúl (2005) refere que essa interação não deve ser imposta e que os idosos devem ter um papel voluntário e a tempo parcial na construção de uma relação com os seus netos/netas, para que este tenha um *«sentimento de passar o legado às gerações futuras e obter um sentido de ‘ser completo’ e de estabilidade emocional»* (idem: 282). Contudo, estas relações devem ser estruturadas mesmo fora da família, o que implica ensinar as crianças a interagir e a relacionarem-se com as pessoas mais velhas, também fora da família. De acordo com Palmeirão (2005), estas práticas de socialização devem ser iniciadas na escola, na medida em que é necessário criar *«novas dinâmicas capazes de comprometer as diversas práticas de socialização e de educação»* através de *«novas metodologias de intervenção, bem como projetos e programas inovadores»* (idem, anexo 4: 4). Este trabalho só será possível se as várias instituições se interligarem umas com as outras e se responsabilizarem pela ligação entre os indivíduos que as frequentam. Embora, a mesma autora, considere importante que a escola organize visitas escolares a centros de dia e a lares, ela realça muito mais a criação de oportunidades de ensino-aprendizagem em comum e que sejam mais flexíveis. Estas aprendizagens ajudam as crianças a perceber que envelhecer faz parte do desenvolvimento humano e que é importante relacionarem-se com os mais velhos, pois eles também podem ser uma fonte de aprendizagem e de conhecimento. Assim, e juntamente com o trabalho desenvolvido pelas instituições, os mais novos podem ajudar a família a olhar para o idoso de uma outra forma, colocando de parte todos os estereótipos envolventes, fazendo-os sentir aceites pela própria família em vez de se sentirem um estorvo que incomoda e que dá trabalho.

Nunca a esperança média de vida esteve tão alta como nos tempos atuais, o que leva a que, cada vez mais pessoas idosas precisem de assistência e de encontrarem algumas ocupações para o seu tempo livre, surgindo, como respostas

possíveis, os centros de dia ou os lares de acolhimento. Contudo, os idosos não podem ficar abandonados, como se estivessem a ser colocados num *“corredor da morte”*. As pessoas mais velhas têm direito à sua vida social e política, tendo em conta as suas escolhas de vida, o seu passado, presente e futuro. Os idosos não podem ser colocados de parte perante a sociedade e esse trabalho tem que começar nas instituições de acolhimento, muitas das quais *«não têm uma relação funcional com as outras instituições da sociedade»* (Ferreira, 2011: 4). Elas têm de ser capazes de (re)integrar os mais velhos no mundo que eles ajudaram a construir e do qual fazem parte.

Tendo em conta estas premissas e os estudos, entretanto feitos, sobre o envelhecimento, tem-se vindo a desenvolver um *«campo científico em torno da velhice e dos seus problemas, a Gerontologia»* (Fernandes, 1997: 10), que tenta perceber o envelhecimento biológico, psicológico e social. Com este novo campo científico, surgiram também algumas disciplinas, como a gerontologia social, *«que estuda o impacto das condições sócio-culturais e ambientais no processo de envelhecimento e na velhice»*; a psicogerontologia, *«que estuda as mudanças regulares, que ocorrem em organismos maduros»*; e a geriatria, *«que estuda a patologia associada ao envelhecer»* (Paúl, 2005: 276). No entanto, irei focar-me com mais precisão nos objetivos da gerontologia social, que começou a desenhar o conceito de envelhecimento ativo e da melhoria de vida que pode trazer aos idosos. Para isso, ela teve de se afastar das ideias pré-concebidas da terceira idade, como *«velhice, doença, incapacidade e declínio»* (Viegas e Gomes: 2007: 40), e aproximar-se da ideia de que a terceira idade é um processo de desenvolvimento inerente ao ser humano. Para isso é importante debruçarmo-nos sobre o conceito e os objetivos do envelhecimento ativo. O envelhecimento ativo tenta promover a qualidade de vida em idosos, tanto ao nível da saúde como a nível pessoal. Tudo isto acontece através de um aumento da autonomia, da participação social, da dignidade, do acesso aos cuidados básicos e do desenvolvimento pessoal. Ou seja, o envelhecimento ativo promove a revalorização de um envelhecimento saudável que afaste o negativismo (*idem*). No entanto, as questões do envelhecimento são, muitas vezes, discutidas, tanto social como politicamente, mas não é correto dizer que as políticas destinadas aos idosos tenham sucesso. *«Na base das políticas que visam promover o envelhecimento saudável e a inclusão social dos idosos, está a atividade»* (Ferreira, 2011: 2), contudo não é explícito

que tipo de atividades lhes são destinadas e como e onde elas serão rececionadas. As políticas que pretendem oferecer aos mais velhos um envelhecimento mais ativo têm de ter em conta as atividades que as pessoas querem fazer e mostrar-lhes do que são capazes, quase como uma entreajuda. Para isso, é importante que haja instituições que estejam dispostas a promover tais atividades, que ajudem a um maior envolvimento e desenvolvimento pessoal. Só assim é possível construir uma sociedade que não discrimine as pessoas consoante a sua idade e as suas capacidades.

1.3 – Instituições de apoio aos Idosos

Atualmente, a sociedade tende a valorizar a juventude, contribuindo para que, muitas vezes, os idosos sejam marginalizados, uma vez que esta população já não produz, não cria riqueza e, devido às reformas e pensões, são apresentados como uma fonte de despesa que poucos estão dispostos a pagar. Estas ações fazem com que os idosos se sintam postos de parte, excluídos de uma sociedade que ajudaram a construir, o que também pode contribuir para situações de *stress* e ao isolamento, «*e ao isolar-se assuma cada vez mais uma situação de dependência*» (Silva, 2009: 11). Ou seja, isso leva a uma maior solidão e a um aumento da incapacidade de se movimentarem num novo mundo que, em certas dimensões, lhes é desconhecido. Por isso, torna-se importante a sociedade tomar conta dos seus idosos e criar condições para que possam usufruir de tudo o que a sua idade lhes permite, combatendo os estereótipos e os pensamentos mais negativos, oferecendo-lhes espaços próprios que possam ter em conta a sua saúde e alimentação e espaços onde possam exercer algumas atividades que lhes estimulem a autonomia, a independência, entre outras.

O Estado tem incrementado e apoiado algumas instituições que podem acolher os mais velhos. Estas passam por lares de idosos, centros de dia «*que consiste[m] na prestação dum conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sociofamiliar*» (Osório, Pinto, 2007: 151), centros de noite dirigidos «*a idosos que desenvolvem as suas actividades de vida diária no domicílio de modo autónomo, mas que durante a noite, por motivo de isolamento, necessitam de algum suporte de acompanhamento*» (*idem*: 151), serviços de apoio domiciliário, centros de convívio, desenvolvidos «*num equipamento, de apoio a actividades sócio-recreativas e culturais, organizadas e dinamizadas com participação activa dos idosos*» (*idem*: 151) e

acolhimento familiar para pessoas idosas, que «*consiste em integrar, de modo temporário ou permanente, em famílias consideradas idóneas e tecnicamente enquadradas*» (*idem*: 147). Os mais conhecidos, e igualmente mais utilizados, são os dois primeiros. Com estes apoios institucionais, o Estado prevê garantir aos idosos uma maior autonomia e segurança para que consigam resolver os seus problemas pessoais ou sociais e para manterem o seu meio familiar e social, garantindo também apoio à sua família.³ No entanto, ainda hoje, algumas pessoas têm uma visão negativa deste tipo de instituições, devido ao conhecimento que têm do passado, onde se falava maioritariamente em asilos e hospícios «*que albergavam os indigentes, os mendigos e os velhos*» (Fernandes, 1997: 146). Esta representação resultava do fato de este tipo de população viver completamente afastada do resto da sociedade, fechada, e à espera que o fim da sua vida chegasse. Atualmente, este tipo de instituições reformulou todos os seus modos de trabalhar e até alteraram os seus nomes, mas o estereótipo encontra-se, ainda, muito presente na sociedade, principalmente nas pessoas com mais idade.

Hoje em dia, o trabalho das instituições procura aproximar o idoso da comunidade, para que também esta possa ver o idoso de uma forma diferente, como alguém que precisa de cuidados mais específicos e que procura a sua nova identidade depois de deixar de participar na vida laboral mas que mantém, em geral, muitas capacidades. Quando inseridos nas grandes cidades, os centros de dia e os próprios lares de acolhimento são uma mais-valia para os idosos que vivem em solidão. No entanto, na sociedade contemporânea, existe ainda a ideia de que este tipo de instituições são quase como um “depósito” de pessoas mais velhas que esperam o fim da vida, sendo muito importante que o trabalho que é feito lá dentro seja reconhecido cá fora, permitindo acabar com os preconceitos e os estereótipos.

Contudo, estas instituições esperam trabalhar em conjunto com as famílias de cada idoso para que este se sinta bem integrado e para que perceba que não está sozinho nesta etapa da sua vida. Como já foi referido anteriormente, a família é a melhor retaguarda existente para a independência e para a aceitação do idoso mas, com os novos papéis sociais e laborais, a família nem sempre tem tempo para cuidar dos seus idosos, deixando esse trabalho para as instituições existentes. Quando não há

³ Diário da República Nº 116 – 20-05-1992

hipótese de ficar com o idoso durante o dia, e para que este não passe o dia todo sozinho, o ideal será a sua inserção numa instituição que responda à sua personalidade e às suas necessidades, para que possa conviver com outras pessoas e para que possa exercitar-se, seja física ou mentalmente. É claro que todas estas escolhas têm de ser uma decisão do idoso, quando este é capaz de decidir, pois é ele que vai usufruir dos espaços e das companhias, que, na maioria das vezes, são desconhecidas.

1.4 - Os Centros de Dia

Tendo em conta que todo este trabalho se baseia num centro de dia, penso ser importante referenciar o que é esperado destas instituições e do seu trabalho com os mais velhos.

O Instituto da Segurança Social (2012) define o centro de dia como um *«estabelecimento que funciona durante o dia e que presta vários serviços que ajudam a manter as pessoas no seu meio social e familiar»* (idem: 6) e visam acolher idosos a partir dos 65 anos, exceto alguns casos que mereçam uma maior prioridade, que necessitam da intervenção dos serviços que estes prestam. Como nos conta Teixeira (2008), os centros de dia apareceram para *«colmatar uma dicotomia existente nos serviços de apoio, que, por um lado se baseavam nos cuidados domiciliários e, por outro lado, nos cuidados residenciais»* (idem: 27). Os centros de dia podem ter um trabalho considerado complexo, na medida em que têm de trabalhar ao mesmo tempo as questões individuais e as questões de grupo para que haja uma maior dinâmica e aprendizagens entre idosos, para que consigam resolver problemas e situações fulcrais na vida de cada um, e tudo, de preferência, com a integração da família. O principal objetivo dos centros de dia é oferecer aos idosos a melhoria das suas condições físicas e mentais, condições de higiene, de alimentação e de relações sociais, sem nunca os retirar do seu meio habitacional e para que possam seguir com as suas rotinas, sabendo que terão um apoio e se sentirão mais seguros, pois são espaços que se encontram abertos durante o dia e que podem evitar um internamento precoce dos idosos.

Segundo a Direção Geral da Ação Social (1996: 7), *«o centro de dia é uma resposta social (...), que consiste na prestação de um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio sócio-familiar»* que tem como

objetivos satisfazer as suas necessidades básicas, prestar um apoio emocional, psicológico e social e estimular as relações com outras pessoas, independentemente da idade. Os centros de dia podem ter uma vertente de serviço autónomo, isto é, podem ocupar um edifício com condições para receber idosos e apoiá-los nos assuntos mais pertinentes ou podem integrar-se numa outra estrutura existente como, por exemplo, um lar. Espera-se que este tipo de instituições prestem vários serviços, como refeições, convívio, cuidados de higiene, tratamento de roupas e férias organizadas. Além destes serviços, os centros de dia também podem prestar um apoio à comunidade, servindo refeições ao domicílio, acolhimento temporário ou serviço de apoio domiciliário. De acordo com o núcleo de documentação técnica e divulgação da Direção Geral da Ação Social, as instalações dos centros de dia devem dividir-se em quatro áreas: uma «*área técnica e administrativa, área de refeições, área de higiene, área de tratamento de roupas*» (*idem*: 8) e ter técnicos habilitados a trabalhar com aquela população específica, dirigidos por um/a diretor/a técnico/a com formação na área das ciências sociais e humanas.

Grande parte dos centros de dia garantem o seu funcionamento através de quotas mensais, que têm em conta o rendimento do agregado familiar, ou o pagamento dos serviços utilizados por cada idoso, seja uma refeição ou uma atividade realizada no mesmo espaço, atividade que «*deve incentivar a participação do utilizador na vida quotidiana do mesmo*» (*idem*: 9) e através de comparticipações da Segurança Social, estabelecidas num protocolo entre ambas as partes⁴ que, no caso destas instituições, está estabelecido em 40% numa situação tipo e em 50% com direito a jantar⁵. As inscrições ocorrem presencialmente na instituição escolhida, na Santa Casa da Misericórdia do concelho a que se pertence, ou nos serviços da segurança social. No entanto, o idoso poderá ficar em lista de espera caso a instituição que pretende frequentar esteja sem vagas, tendo que esperar por um contacto dos serviços que avisarão quando existir alguma vaga⁵.

Os idosos têm direitos e deveres a cumprir nos centros de dia, explicitados no regulamento interno de cada instituição. Este ponto é de extrema importância e não

⁴ Protocolo de Cooperação de 2011-2012, celebrado entre o ministério da solidariedade e Segurança Social e a Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.

⁵ Guia Prático. Apoios Sociais – População Adulta – Pessoas Idosas. Instituto da Segurança Social (2012: 13).

pode passar ao lado de quem recebe esta população. Os direitos dos idosos passam por ser tratados com dignidade, por preservar a sua independência e fomentar a sua realização pessoal, assistência e participação (Osório, 2007).

CAPITULO II

A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL COMO MODELO DE INTERVENÇÃO

Capítulo II – A Animação Sociocultural como Modelo de Intervenção

2.1 - Animação Sociocultural

Lopes (2008), de acordo com a UNESCO, define a Animação Sociocultural como um «conjunto de práticas sociais que visam estimular a iniciativa e a participação das populações no processo do seu próprio desenvolvimento» (idem: 95), tendo o seu auge de ação, em Portugal, ocorrido depois de 25 de Abril de 1974. Na verdade, não existe uma só definição de animação sociocultural pois, vários autores, têm as suas próprias definições. Como refere Sánchez «torna-se difícil poder eleger uma definição de animação sociocultural satisfatória para os diversos autores e grupos preocupados com esta temática (...), se bem que, hoje em dia, se assume como um conceito polissémico, multiforme e ambíguo» (cit in Igreja, 2007: 46).

A animação sociocultural contribui significativamente para a educação de adultos, numa vertente não formal, na medida em que existe uma flexibilidade de horários, de programas e de locais para que seja mais fácil responder às necessidades de todos os que querem participar. A animação deve abranger os mais variados campos que fazem parte da vida do adulto, tais como, o trabalho, a educação para a cidadania, a formação para o desenvolvimento pessoal e social, a educação para a saúde e para o tempo livre, uma vez que trabalhar nestas áreas ajuda a «*eleva o ser humano e a torná-lo protagonista e portador de autonomia plena*» (Lopes, 2008: 328). Portanto, trabalhar em animação sociocultural é intervir socialmente perante uma comunidade e grupos de pessoas, para que se possam desenvolver em conjunto, tendo como principais intervenientes a comunicação, a interajuda, a consciencialização da importância de estarem juntos, a participação, tanto individual como coletiva e, sobretudo, o reconhecimento da autonomia da comunidade no seu próprio crescimento e desenvolvimento. A animação sociocultural oferece ao grupo a possibilidade de se (re)conhecer e de usar todos os seus recursos e meios para uma participação ativa e capaz de mudança, ou de melhoramento.

De acordo com Gillet (1995), o trabalho em animação sociocultural pode desenvolver-se a partir de perspetivas diferentes, que o autor designa por animação

consumista e animação abstrata. Na primeira perspetiva, o animador planeia sozinho as atividades para os indivíduos, esperando-se destes um papel passivo; na segunda assume-se as pessoas como produtoras de cultura e capazes de troca de conhecimentos. Assim, pressupõe-se que há uma ligação entre a teoria e a prática, sendo importante refletir no que se faz e nas suas finalidades, não bastando o domínio de técnicas de animação para um desenvolvimento mais positivo.

Esta característica do saber-fazer, que faz parte da animação sociocultural, pode também ser abordada a partir de três paradigmas que ajudaram a interligar novas *«metodologias de conhecimento e de ação»* (Lopes, 2008: 69).

O primeiro paradigma é o tecnológico, que considera a animação sociocultural como uma engenharia social, isto é, a realidade social é vista como imóvel e o animador como um especialista que interpreta a realidade e controla a ação.

«(...) com o recurso a este paradigma de conhecimento e acção sociocultural, pretende-se gerar a auto-suficiência do individuo contudo preconiza uma intervenção onde a acção está dependente de uma tecnologia cultural, veiculada por um modelo tecnocrata em que os especialistas condicionam a acção.» (Lopes, 2008: 70).

O paradigma interpretativo aborda a animação como uma formação cultural, que pretende dar *«sentido a experiências e situações vindas do interagir humano»* (Lopes, 2008: 72) e o animador é visto como um *«mediador, especialista e problematizador das práticas encetadas, tendo como pano de fundo a intervenção onde a Animação Sociocultural é, na sua essência, encarada como uma dimensão formativa.»* (*idem*).

O terceiro, e último paradigma, designa-se por paradigma dialético e visa o desenvolvimento de uma democracia cultural. Isto é, a animação tem em vista a participação cultural dos intervenientes, de uma forma mais vasta, e faz do animador um incentivador da ação das pessoas, o que ajuda a resolver problemas existentes na comunidade, favorecendo o desenvolvimento deste. Como refere Lopes (2008),

«(...) este paradigma do conhecimento e acção sociocultural, a teoria tem por fim a aquisição da consciência político-social e a sua intenção final é a realização da democracia participativa, assumindo que a evolução histórica é construída pela mudança qualitativa onde se pretende um bem-estar social para todos.» (idem: 72).

Seguindo a linha do mesmo autor, a construção de vários paradigmas é importante e necessária na medida em que a prática da animação sociocultural

«é um saber que carece de um paradigma definido por uma pluralidade de enfoques disciplinares, requerendo o uso de diferentes metodologias, de diversas linguagens que não configuram uma teoria unificada; antes projectam uma visão holística que decorre do estudo de práticas diversas.» (Lopes, 2008: 69).

Para Caride (*cit in* Lopes, 2008: 69), *«entender os paradigmas socioeducativos como constitutivos dinâmicos, evolutivos, abertos (...) às transformações sociais, científicos, culturais e ideológicos»*, permite que o trabalho em animação sociocultural se torne mais eficaz e próximo das pessoas.

«A animação sociocultural tem ampliado o seu campo de destinatários, objetivos e atividades» (Igreja, 2007: 54). Além de focar o seu trabalho nas crianças e nos jovens, este processo de intervenção trabalha, também, com os adultos em idade ativa e com os idosos pretendendo aproximá-los cada vez mais da cultura que lhes pertence e dos seus interesses, tendo em conta os seus conhecimentos e experiências. Para este tipo de intervenção, o contexto local e os seus recursos endógenos são importantes para um melhor desenvolvimento e para uma maior participação de todos. É necessário trabalhar com as pessoas no seu próprio meio, na medida em que, assim, elas mais facilmente poderão ter a iniciativa de participarem e de procurarem novos objetivos para si mesmas. Esta aproximação à cultura torna-se importante no trabalho da animação sociocultural pois aumenta o contacto com toda a população, o que faz com que a participação seja mais ativa, existindo uma maior liberdade de expressão para todos, contribuindo para assumir as pessoas enquanto produtoras e não meras consumidoras de cultura.

2.2 - Trabalhar em Animação

Atualmente, a animação sociocultural tende a ser vista como uma técnica e uma prática que tem em conta o entretenimento e a ocupação de tempo livre. No entanto, ela vai mais além e pretende trabalhar com os outros de forma a que o seu papel seja ativo e diferente de todos, sendo, por isso, importante haver uma reflexão sobre a função da animação e o porquê das atividades que esta desenvolve. É preciso que haja uma perspetiva crítica por parte do animador que lhe permita ir mais além do que, muitas vezes, é previamente definido. Esta perspetiva crítica é muito importante, na medida em que, para trabalhar com os outros, o animador tem de os ver enquanto indivíduos capazes e autónomos, criando as condições para que se sintam bem e valorizados. Deve pensar-se nas pessoas em concreto e nas atividades que se pode vir a desenvolver com elas, promovendo, assim, uma maior mudança e uma reflexão sobre o que foi feito.

O animador sociocultural tem uma grande diversidade de funções, de tarefas e de conhecimentos. Na teoria, todos estes conhecimentos e funções devem fazer parte do profissional de animação mas, a sua intervenção depende, também, dos locais e dos grupos com que trabalha, o que justifica as tarefas que possa fazer. Assim, as características de um animador podem passar por ser um educador, um agente social ou um relacionador. Larrazábal (2004: 124) diz-nos que o animador pode ser visto como um educador porque *«estimula a ação, o que supõe uma mudança de atitudes»*; pode ser considerado um agente social pois trabalha com um conjunto de pessoas que fazem parte de uma comunidade; por fim, o animador pode ser um mediador, na medida em que cria *«uma comunicação positiva entre pessoas, grupos e comunidades e de todos eles com as instituições sociais e com os organismos públicos»* (idem: 125). A prática da animação sociocultural é muito ampla e abrangente e as suas funções dependem do público e dos locais com quem trabalha, designadamente *«promover e orientar grupos de ação e de reflexão»*, *«suscitar e propor iniciativas que possam transformar a situação social e cultural»*, *«assegurar um relacionamento dinâmico entre as pessoas e os grupos e as atuações comunitárias»* e *«controlar e avaliar resultados»* (idem: 125). No entanto, não se pode confundir as funções do animador com as suas tarefas. As primeiras dizem respeito ao que se espera que um animador

sociocultural faça e as segundas referem-se ao que o animador faz durante o seu dia-a-dia na sua profissão.

Perante isto, é relevante falar nos vários tipos de animadores existentes, isto é, nos diferentes estilos de animadores. Assim, Larrazábal (2004) descreve três estilos: o animador autoritário, o animador permissivo ou o animador democrático. O primeiro, e como o próprio nome indica, tenta impor a sua vontade e a sua ordem, mostrando que ele é que sabe o que é o mais acertado fazer; o animador permissivo, mais conhecido como “deixar fazer”, pouco interfere no processo, fica à espera que a sua intervenção seja precisa, colocando a sua autoridade de lado; o animador democrático tem a noção de que trabalha com pessoas que têm as suas próprias individualidades e que são capazes de reconhecer as suas próprias dificuldades e necessidades, aumenta a participação ativa mas não esquece que trabalha com as pessoas e que as pode ajudar em qualquer parte do processo.

2.3 - Animação Sociocultural com Idosos

A animação sociocultural, no âmbito do trabalho com idosos, deve ser bem pensada e bem estruturada, uma vez que esta população tem características muito específicas. Numa primeira etapa, é importante conhecer o grupo com que se interage e, a partir daí, pensar nas atividades mais apropriadas para o mesmo, contribuindo *«para uma valorização pessoal, tendo como desiderato central a auto-estima e a participação comprometida com um bem-estar individual e colectivo»* (Lopes, 2008: 329).

As instituições destinadas à terceira idade são a principal ligação entre o trabalho em animação sociocultural e os idosos. É nestes contextos que o trabalho pode ser desenvolvido mais eficazmente, na medida em que se procura a melhor forma de os idosos se integrarem no espaço que ocupam e na comunidade a que pertencem. Contudo, muitas vezes, estes espaços dedicam-se sobretudo a tratar das necessidades básicas dos idosos, não os incentivando a procurarem novas formas de intervenção na comunidade ou na sua vida pessoal.

«Esta diminuição da actividade, ou mesmo a inactividade, pode acarretar sérias consequências, tais como redução da capacidade de concentração, coordenação e reacção, que por sua vez levam ao surgimento de processos de auto-desvalorização, diminuição da auto-estima, apatia, desmotivação, solidão, isolamento social e depressão.»
(Jacob, 2007: 3).

Como já foi referido, as instituições deverão apoiar os idosos a se tornarem mais autónomos e menos dependentes de outros, contribuindo para colmatar o isolamento social. Assim, e como refere Lopes (2008), é importante trabalhar nos domínios do social, que tem em conta a comunidade com que o idoso interage, do cultural, que tem em vista o incentivo de atividades culturais, e o domínio educativo, que dá a conhecer um tipo de intervenção social, como a participação em voluntariado ou em Universidades Seniores. Contudo, é importante ter também em conta as experiências pessoais de cada um. A intervenção nestes domínios ajuda à participação na comunidade e à comunicação entre os idosos e outros grupos, tornando esta *«idade um espaço e um tempo positivos para aumentar as possibilidades de educação permanente»* (Osório, 2004: 255). Para ser possível trabalhar com esta população e para a incentivar à participação social e à comunicação é necessário fornecer-lhe *«informação, consciencialização, cultura e vivência democráticas que promovam a pessoa à condição de actor protagonista do seu desenvolvimento»* (Lopes, 2008: 565).

Posto isto, as instituições pensadas para os idosos têm de evitar o isolamento social e a solidão e motivá-los a encontrarem ocupações diversas, o que faz com que o trabalho em animação sociocultural seja importante. Apoiando-se em García, Osório (2004: 256) refere como objetivos gerais a *«realização pessoal, a compreensão do meio circundante e a participação na vida comunitária; conseguir uma maior integração na sociedade a fim de que se oiça e dê valor à sua voz e se tenham em conta as suas opiniões; estimular a educação e a formação permanente; oferecer a possibilidade de desfrutar da cultura; estabelecer as bases para que os conhecimentos sejam partilhados de maneira flexível, enriquecedora e amena; desenvolver atitudes críticas perante a vida, mediante a animação de grupos de reflexão e debate; possibilitar a abertura a outros grupos etários; propiciar e criar atitudes e meios para*

gozar a vida plenamente». Estes objetivos podem ajudar as instituições a criar condições dignas para o desenvolvimento pessoal dos idosos e oferecer-lhes uma melhor qualidade de vida.

Por sua vez, Jacob (2007) menciona sete faces da animação sociocultural para idosos, que as instituições para a terceira idade deveriam ter em conta, e que compreendem a animação motora, cognitiva, expressão plástica, comunicação, desenvolvimento pessoal e social, lúdica e comunitária. A animação motora, como o próprio nome indica, pretende trabalhar a parte física do idoso para evitar a inatividade; a animação cognitiva tenta cuidar do melhor funcionamento do cérebro através da concentração, da observação, do raciocínio, da imaginação e da criatividade; a animação a partir da expressão plástica pretende mostrar a característica artística dos idosos, exprimindo-se através de vários tipos de materiais como o barro, a plasticina ou de um lápis e um papel; a animação que tem em vista a comunicação incentiva os idosos a falar e a contar histórias, suas ou a partir de leituras, mas também dar a conhecer outras formas de comunicação como a postura, o comportamento e o movimento; a animação associada ao desenvolvimento pessoal e social tenta integrar o idoso num grupo para que possa existir um autoconhecimento e para melhorar, ou criar, competências sociais e pessoais para que seja possível interagir mais facilmente com a comunidade e com as pessoas que o rodeiam; a animação lúdica pretende promover o convívio, divertir e criar momentos de lazer e brincadeira para os idosos, pois *«é das melhores formas de transmitirmos uma mensagem e de nos divertirmos»* (Jacob, 2007: 4); por último, mas não menos importante, a animação comunitária incentiva os idosos mais autónomos a envolverem-se na sua comunidade.

Os diferentes tipos de atividade devem acontecer de forma integrada e não avulsa, pois a animação sociocultural é um processo complexo que pode envolver diferentes dimensões como, por exemplo, a cidadania, o social, a democracia e o político, devendo a educação *«estar vinculada à vida e comprometida com o desenvolvimento global do ser humano e com os seus diferentes ciclos de crescimento.»* (Lopes, 2008: 395).

O trabalho com idosos deve colocar de lado a falta de atividade, juízos de valores, estereótipos e preconceitos, criando mais autonomia e mais autoestima a uma

população que, por vezes, se sente marginalizada, criando as condições para *«daqui a alguns anos teremos uma nova geração de idosos. Menos depressivos, menos solitários, menos dependentes de medicação e claro com uma velhice mais bem-disposta e mais activa»* (Jacob, 2007: 25).

CAPITULO III
INTEGRAÇÃO NA INSTITUIÇÃO E PERCURSO DE ESTÁGIO

Capítulo III – Integração na Instituição e Percorso de Estágio

3.1 - Integração no Contexto de Estágio

A minha entrada no centro de dia não foi difícil e, rapidamente, percebi que isso se devia ao facto de ser frequente a entrada de estagiários na instituição. Apesar de nos primeiros dias existir uma certa estranheza, pois ninguém me conhecia e eu também não conhecia ninguém, com o desenrolar do estágio foi havendo um conhecimento mútuo entre idosos, funcionárias e eu própria. Nos primeiros dias, senti maior estranheza por parte das funcionárias, que perguntavam umas às outras, mesmo quando eu estava presente, quem eu era e o que estava lá a fazer. Com os idosos foi um pouco diferente, apesar de olharem para mim com curiosidade, não tiveram qualquer problema em perguntar-me quem eu era e o que estava a fazer no centro, apesar de alguns se manterem afastados. Notei que os idosos estavam muito mais à vontade comigo do que as funcionárias, o que pode dever-se ao fato de eu passar mais tempo junto deles, na sala de convívio. Essa aproximação permitiu muitas conversas interessantes sobre a vida de cada um, o funcionamento do centro, as suas rotinas, as relações existentes entre idosos e funcionárias, os conflitos que essas relações criavam, entre outros. Nestas conversas, também me dei a conhecer respondendo às questões que me colocavam e que variaram entre a minha vida pessoal, a minha vida de estudante e as rotinas do meu dia-a-dia. Muitas destas conversas aconteceram na parte da manhã, entre o início da hora do pequeno-almoço (10h) e o início da hora do almoço (12h). Foi através delas que consegui aproximar-me de alguns idosos que, de início, estavam um pouco reticentes com a minha presença, num espaço que é considerado deles.

Por ser o meu primeiro contacto com uma instituição do género, admito que tive uma certa dificuldade, particularmente no início do estágio, em trabalhar com os idosos e com as funcionárias, em perceber as dinâmicas do Centro de Dia e as rotinas dos idosos e da instituição. Quando, ainda numa fase inicial do estágio, abordei os idosos sobre atividades que poderiam fazer, procurando saber do que gostavam, estes não se mostraram interessados, deixando tudo à minha responsabilidade. Os idosos estavam muito presos às suas rotinas e não aceitavam muito bem qualquer proposta

de mudança, mesmo quando era sugerida pelas funcionárias. Esta foi uma das maiores dificuldades porque passei durante todo o estágio. Por parte do centro também não havia muito apoio pois, quando perguntava se poderia ou não fazer certas atividades, diziam-me sempre para fazer uma lista do material necessário; ora, eu nem sempre falava de atividades manuais, mas sim de atividades que originassem o convívio com outros ou atividades mais cognitivas. De qualquer maneira, era sempre avisada que essas atividades poderiam não acontecer devido aos cortes orçamentais.

3.2 - Preocupações Metodológicas

Durante um processo de intervenção é importante o desenvolvimento de estratégias de investigação que permitam conhecer melhor a instituição, os passos a dar durante o projeto e o porquê da escolha de certos procedimentos. As ações escolhidas para a recolha de dados devem ser bem pensadas, para que seja mais fácil perceber o trabalho realizado e os erros cometidos durante todo o processo, permitindo melhorar o trabalho desenvolvido.

No decorrer do estágio, recorri à análise de documentos da instituição, à observação participante, à escrita de notas de terreno para auxiliar toda a minha análise, e à realização de uma entrevista, culminando com este relatório final de estágio. A análise dos dados recolhidos e sistematizados permitiu-me descrever a minha intervenção no contexto de estágio, fazer a caracterização do contexto, refletir sobre as atividades realizadas com os idosos e sobre as relações criadas dentro naquele espaço.

Sendo um trabalho de investigação de natureza qualitativa, e dadas as características do estágio, este baseou-se na observação participante, em conversas informais, na interação e dinamização de atividades, o que permitiu aceder aos significados que os idosos atribuem às situações vivenciadas. A escrita de notas de terreno permitiu que nada ficasse esquecido, facilitando a recolha de dados que pudessem responder aos objetivos pretendidos. As notas de terreno são muito relevantes, na medida em que ajudam a recordar acontecimentos, pensamentos e reflexões sobre o contexto, tornando-se, assim, no ponto fulcral de todo o meu

trabalho, tendo em vista a reflexão sobre a instituição e a elaboração do presente relatório.

Quando estava a meio do estágio, pedi para consultar os processos dos idosos para perceber como era o procedimento desde o momento da inscrição, na medida em que, apesar de ter assistido a algumas reuniões para realizar a inscrição de idosos, nunca tinha visto, com atenção, a ficha de inscrição ou a ficha de diagnóstico. Assim, e tendo a liberdade para pegar em todos os processos, pude dirigir-me ao gabinete da escriturária e ficar a conhecer todos os procedimentos feitos desde o momento de inscrição de cada idoso.

*«Todos os processos estão guardados numa capa transparente de argolas. Na folha de rosto pode-se ler o nome do/a idoso/, a data de admissão e o número do processo. A seguir tem a ficha de inscrição com os dados de identificação do utente, uma breve caracterização familiar, os dados de identificação de pessoas próximas, os dados de saúde, os serviços solicitados, a rede social e de suporte, a situação económica, a visita às instalações, os critérios de seleção e priorização, os documentos entregues referentes à inscrição e para fazer prova das suas despesas e o cálculo do valor de comparticipação familiar/mensalidade. De seguida, é apresentada a ficha de avaliação diagnóstica, que se refere aos dados pessoais (...), o nível cognitivo (...), a capacidade física e funcional (...), o seu contexto habitacional (...). Existe também um relatório do programa de acolhimento (processo de adaptação), o contrato efetuado entre o utente e o centro, a ficha de serviço social, situação de saúde (...)».*⁶

Esta pesquisa serviu, também, para conhecer mais alguma informação sobre os idosos com quem interagi como, por exemplo, a sua escolaridade, a sua última profissão e o seu contexto familiar e habitacional. Enquanto lia todos os processos questionei-me sobre a pertinência do que estava a fazer, principalmente na altura em que o fazia. O meu primeiro pensamento focou-se em que poderia ter feito esta

⁶ Nota de Terreno de 2 de janeiro de 2013

pesquisa logo no início do estágio mas, rapidamente, percebi que, efetivamente poderia não ter sido melhor, pois se o tivesse feito nessa altura, as minhas relações com os idosos poderiam vir a ser diferentes, na medida em que poderia ficar com outras percepções e representações sobre os mesmos. Além disso, no início do estágio, fiquei muito focada em conhecer os idosos e estabelecer conversas que criassem uma maior ligação, permitindo-me conhecer os seus pontos de vista no que toca às suas relações com o centro e com as pessoas que dele fazem parte, sejam outros idosos ou as funcionárias. Apesar de ter visto os processos depois de conhecer a instituição e os seus idosos, o acesso a eles foi importante para completar algumas informações resultantes das conversas a que assisti e para perceber melhor alguns momentos marcantes das suas vidas.

Perto do final do estágio, decidi que seria importante realizar uma entrevista com a diretora do centro de dia. Esta entrevista aconteceu no gabinete da escriturária, que até ao fim do estágio dividia o mesmo espaço com a diretora. Por esse motivo, a funcionária esteve presente no momento da entrevista e, em diversas ocasiões, fez alguns comentários, auxiliando a diretora nalgumas respostas.

Este encontro tornou-se necessário, na medida em que me permitiu conhecer melhor a perspetiva da diretora em relação ao centro de dia e ao trabalho que lá desenvolvem e, assim, perceber melhor o funcionamento institucional, comparando-o com as rotinas estabelecidas. Optei por uma entrevista semiestruturada por ser um meio facilitador de promoção de diálogo pois, apesar de ter um guião com algumas perguntas, este tipo de método permite libertar o entrevistado da rigidez de uma entrevista formal podendo, até, falar do que pensa ser mais importante para si, o que facilita o diálogo, tornando-o mais aberto e pessoal.

Os temas abordados na entrevista foram diversos, passando pelas mudanças implementadas pela sua direção, que já durava há cinco anos, os estágios aceites pela instituição, as parcerias existentes, as ações de formação frequentadas pelas funcionárias e a sua importância, as relações existentes entre o grupo e de que forma as mudanças socioeconómicas afetam o desempenho do centro de dia.

Na mesma altura decidi gravar, com autorização dos idosos, uma conversa relativamente informal, seguindo alguns tópicos que eu ia dando. Esta conversa decorreu na sala de convívio, por ser o espaço onde era mais fácil juntar todos.

Coloquei uma mesa no meio da sala e os idosos sentaram-se à volta da mesma. Só uma senhora é que quis sentar-se no seu lugar habitual, ficando um pouco afastada das outras pessoas mas, quando estava mais envolvida na conversa, levantava-se e ficava de pé à nossa beira. Como a conversa aconteceu numa sala comum a toda a gente, foi inevitável que outros idosos chegassem e se envolvessem no diálogo que decorria naquele espaço. Esta conversa, realizada a poucos dias do final do estágio, teve como finalidade conhecer as expectativas dos idosos na altura da entrada no centro de dia, as suas vivências e relações estabelecidas ao longo dos anos.

Embora, eu tivesse um papel com alguns temas que me pudessem guiar no caso de existirem momentos de silêncio, o mais importante nesta conversa passou por procurar criar as condições para que pudessem falar dos seus maiores interesses, sem qualquer tipo de interferências. É importante referir que o fato de a conversa ter sido gravada, com a aprovação dos idosos, não os inibiu e superaram as minhas próprias expectativas em relação à sua abertura sobre os assuntos discutidos. Os temas variaram entre as suas esperanças quando entraram na instituição, as falhas desta, atividades realizadas, recordações sobre alguns momentos passados e relações criadas entre si, tenham sido elas conflituosas ou não, relatos do dia-a-dia e as relações criadas com as funcionárias. Esta conversa completou todas as outras conversas que já tinha tido com as pessoas, mesmo individualmente, ajudando a perceber que os idosos, apesar de passarem muito do seu tempo dentro da sala de convívio, tinham um certo conhecimento sobre diversas situações que aconteciam no centro de dia e reforçou alguns dos meus pensamentos sobre o funcionamento da instituição.

A escolha por organizar esta conversa resultou de considerar que seria o modo mais adequado para promover o diálogo e obter respostas dos idosos. Se tivesse optado por uma entrevista corria o risco de me prender a um guião e de não oferecer espaço e tempo de resposta aos entrevistados. A opção de utilizar um questionário estava completamente fora de questão, na medida em que alguns idosos têm dificuldade em ler e escrever e outros têm problemas de locomoção e, tendo em conta os meus objetivos, nunca seria o método adequado.

Depois das minhas notas de terreno ordenadas, das gravações feitas e de todo o material usado durante o estágio estar organizado, foi importante realizar a análise de conteúdo. Assim, após a recolha de toda a informação, foi importante prosseguir à

transcrição da entrevista feita à diretora e da conversa realizada com os idosos. Estas transcrições agruparam-se, de alguma forma, às minhas notas de terreno, sendo possível fazer algumas comparações com o que acontecia durante o tempo de estágio e com os discursos dos responsáveis e dos idosos. Considero a minha proximidade com os idosos como o ponto central de toda a intervenção durante o estágio e, por isso, foi também importante que as minhas notas de terreno não fossem meramente descritivas e só com um ponto de vista, o meu. Portanto, com a ajuda do material transcrito e da documentação oficial, fornecida pela própria instituição, dividi as minhas notas de terreno em cinco categorias, que considere fundamentais para toda esta análise. A primeira situa-se no dia-a-dia da instituição onde decorreu todo o estágio; a segunda aborda as relações entre idosos; a terceira corresponde às conversas existentes entre as funcionárias; a quarta categoria aborda as relações e conversas existentes entre as funcionárias e os idosos; e a última categoria tem em conta as atividades realizadas com e pelos idosos e a sua relevância.

Toda a análise de conteúdo transformou-se num trabalho paciente, na medida em que foi preciso ler tudo uma primeira vez para um conhecimento prévio do que era pretendido e, depois, foi preciso reler mais uma vez para poder organizar as categorias. Posteriormente, foi necessária uma revisão mais profunda para conseguir analisar todo o material para a sua utilização neste relatório.

3.3 - Caracterização da Instituição

O centro de dia onde se realizou o meu estágio situa-se no centro da cidade do Porto e foi inaugurado no ano de 1995. Esta instituição encontra-se situada numa casa centenária, com quatro pisos, sendo que dois deles são uma cave e um sótão. Este organismo tem uma capacidade para 20 utentes, na vertente de centro de dia, existindo mais 35 utentes que beneficiam de apoio domiciliário (tratamento de roupas e higiene pessoal), tem um horário de funcionamento desde as 9h até às 17h. Apesar de ter uma capacidade para 20 utentes, apenas metade dos idosos chegam de manhã e ficam o dia todo na instituição, a outra metade só comparece, e usufrui do espaço, na hora de almoço.

Para poderem beneficiar do estatuto de utente de centro de dia, os idosos têm de passar por um processo de candidatura, para que o centro obtenha informações importantes para poder responder às necessidades de cada um. Tudo começa com o preenchimento de uma ficha de inscrição, que contem os dados pessoais mais relevantes sobre o idoso. Nos primeiros dias da sua estadia é feita uma entrevista de avaliação diagnóstica, que pretende conhecer o nível de escolaridade do idoso, o seu nível cognitivo, ter uma perceção da orientação temporal, espacial, atenção e cálculo e de como o idoso se exprime. A ficha de diagnóstico tem também em conta a sua capacidade física e o seu contexto habitacional. Para a conclusão do processo de inscrição, o idoso tem de entregar uma cópia do bilhete de identidade/cartão de cidadão, do cartão de contribuinte, do cartão de saúde, do cartão de beneficiário, o comprovativo da sua reforma, da renda da casa, das contas da água, luz e telefone, uma declaração de gastos com medicamentos e uma declaração médica que relate as doenças de que padece e a medicação que o médico lhe prescreve. Depois, é feito um cálculo do valor da mensalidade a ser paga, de acordo com os seus rendimentos e despesas, sendo o preço mínimo de 25 euros. Assim, existe um cálculo do valor da comparticipação familiar para determinar a mensalidade a ser paga por cada um. Este cálculo é feito de acordo com a legislação em vigor e tem em conta o rendimento “*per capita*” do agregado familiar. O cálculo é feito da seguinte forma: o rendimento “*per capita*” é igual ao rendimento mensal do agregado familiar menos as despesas fixas mensais, a dividir pelo número de elementos, vezes a percentagem da capitação (40%), referente à comparticipação da segurança social⁷.

Os utentes que frequentam o centro de dia têm entre 62 e 89 anos, e são de diferentes estatutos sociais e económicos. Estes utentes têm direito a três refeições por dia (pequeno-almoço, almoço e lanche), cuidados de higiene, idas ao cabeleireiro uma vez por semana e, os idosos com mais dificuldade de locomoção, podem usufruir do transporte, que se encarrega de os ir buscar e levar a casa, serviço assegurado por uma auxiliar do Serviço de Apoio Domiciliário.

Os objetivos específicos⁸ oferecidos pelo centro de dia passam por satisfazer as necessidades biopsicossociais dos idosos, combater o isolamento e a solidão,

⁷ Regulamento Interno do Centro de Dia

⁸ Caracterização oficial da instituição

desenvolver o relacionamento interpessoal, capacitar os idosos para a resolução das suas dificuldades, fornecendo-lhes os instrumentos e orientação adequados. Assim, o centro de dia propõe-se desenvolver atividades e ações nas mais diversas áreas, como na alimentação, na saúde, na segurança, nos cuidados de higiene e imagem, no apoio psicossocial e no planeamento e acompanhamento de atividades socioculturais. O centro de dia assume que a alimentação e a nutrição são áreas muito importantes na terceira idade, pois uma pessoa idosa pode não ter uma boa aptidão física e ter algumas patologias médicas que podem prejudicar o seu apetite ou desconhecer algumas regras para uma alimentação saudável. A instituição refere como objetivos na alimentação a possibilidade dada aos idosos de terem refeições adequadas às suas necessidades nutricionais, o incentivo e a sensibilização para hábitos alimentares saudáveis e a manutenção da autonomia do idoso no que diz respeito à sua alimentação. As refeições devem ser cuidadas e equilibradas, por isso o centro de dia conta com a ajuda de uma nutricionista que, em conjunto com a diretora técnica, a coordenadora e a chefe de cozinha, decidem as refeições que são fornecidas aos idosos, tendo também em conta as suas preferências e gostos. Diariamente são apresentadas duas ementas, sendo uma geral e outra de dieta, e o utente deve escolher o prato que prefere com uma semana de antecedência. Contudo, a área da alimentação pode ser muito complexa de trabalhar com pessoas idosas. É importante ter em conta que muitos idosos podem não estar habituados a determinados tipos de comida, pois durante toda a sua vida não tinham capacidades económicas para adquirirem certos alimentos e, por esse motivo, poderão considerar que a alimentação que fazem é boa e propícia para as suas necessidades, o que até pode ser verdade, tendo em conta a roda de alimentos apresentada por médicos e nutricionistas.

Na área da saúde, a instituição tem como objetivo capacitar e orientar os idosos na gestão das suas consultas e medicação. Desde a entrada na instituição, o centro de dia possuiu um processo individual, de cada idoso, onde consta a sua informação de saúde, como as doenças de que padece e a medicação que toma. Caso haja algum idoso que não tenha autonomia suficiente para administrar a sua própria medicação, o centro de dia responsabiliza-se pelo ato, conferindo igualmente o *stock* e a validade dos medicamentos. A marcação e a gestão das consultas são da responsabilidade do idoso e da sua família, salvo situações de falta de autonomia, em

que não exista o apoio familiar; nestes casos, o centro ajuda o idoso nesta tarefa, articulando com os centros de saúde e os médicos. No que diz respeito à segurança, o centro de dia promove algumas ações de sensibilização, contando com parcerias sociais como, por exemplo, a PSP, que alerta os idosos para questões como a segurança em casa e na rua e a prevenção de burlas. Além das parcerias sociais, a assistente social e a terapeuta ocupacional abordam com os idosos temas como a prevenção de quedas, gestão e organização da medicação, do espaço no domicílio, entre outros. A partir das ações de sensibilização, os responsáveis pelas mesmas elaboram panfletos que são dados aos idosos e afixados na parede da entrada principal do centro de dia. Isto tem como objetivos dar a conhecer aos idosos procedimentos que lhes permitam evitar situações de assalto, capacitar para mudanças que lhes facilitem uma melhor adequação da sua habitação, evitando possíveis quedas. No campo da higiene pessoal, o centro apoia os idosos no cuidado contínuo com a higiene, considerada importante para a manutenção da autoestima e para a sua aceitação social. Uma vez que o centro pretende promover a manutenção da autonomia, este ponto é da responsabilidade dos idosos, exceto quando algum não se encontra capaz de o fazer sozinho ou não tem condições habitacionais para o mesmo e, nessa situação, a instituição cuida da higiene do idoso. O centro de dia tenta dar um apoio psicossocial às pessoas que frequentam a instituição, para que possam ser capacitadas e orientadas para a resolução das suas necessidades e problemas. Este apoio é prestado pela terapeuta ocupacional e pela assistente social, que procuram trabalhar as fragilidades, potencialidades e recursos do idoso e da sua família. Assim, é criado um plano de intervenção, centrado nas necessidades dos idosos, para que se possam capacitar e fortalecer para ultrapassar os seus problemas. Por último, de acordo com a caracterização oficial da instituição, o centro fomenta atividades lúdicas, desenvolve a criatividade dos idosos, proporciona o contacto com diferentes materiais e a ocupação dos tempos livres, promove o relacionamento interpessoal, a partilha de conhecimentos, o espírito de ajuda e solidariedade e os momentos de lazer e de descontração. Estes objetivos tentam impedir a imobilidade excessiva dos idosos e incentivar a prática das mais diversas atividades, como por exemplo atividades desportivas, artísticas, culturais, recreativas ou religiosas, tendo em conta os gostos e os interesses dos idosos.

Perante isto, o centro de dia apresenta um plano anual de atividades socioculturais que contempla ginástica e natação, tardes de cinema, ações de sensibilização, jogo do bôcia sénior, comemoração de aniversários, atividades manuais e passeios ou visitas⁹. Existe, ainda, um outro plano, que descreve as atividades que irão decorrer mês a mês. Em janeiro, o centro de dia comemora o dia de Reis, em fevereiro fazem uma festa de carnaval, em abril um almoço para festejar a Páscoa, em maio visitam as festas do Sr. de Matosinhos, em junho é preparado um almoço de S. João, em julho comemoram o dia do avô, em conjunto com um infantário, e fazem uma semana de praia, em outubro comemoram a semana do idoso, com um almoço especial, um passeio a Fátima e uma tarde de atividades e convívios, no mês de novembro celebram o S. Martinho e em dezembro celebram o Natal e vão ao circo. Nos meses de agosto e de setembro não têm nada marcado devido, talvez, às férias das funcionárias. Estas atividades têm como objetivos criar espaços de convívio e de colaboração, preservar as tradições culturais e promover a humanização do idoso, procurando a sua participação. No plano de atividades é dito que estas acontecerão, na maioria das vezes, no centro de dia e deixa em aberto que, no decorrer do ano, poderão existir algumas alterações, na medida em que algumas instituições fazem propostas de atividades e o centro de dia, de acordo com os interesses dos idosos, poderá aderir às mesmas.

Uma outra valência do centro de dia é o Serviço de Apoio Domiciliário que procura dar apoio a idosos e às suas famílias, que se encontram incapazes de satisfazer as suas necessidades básicas, como a higiene pessoal, a alimentação e o tratamento de roupas. Este serviço visa contribuir para a manutenção e melhoria da qualidade de vida das pessoas e para retardar ou evitar a institucionalização. O horário de funcionamento deste serviço é igual ao do centro de dia.

3.4 - O Dia-a-Dia na Instituição

Muitos dos utentes inscritos não passa o dia no centro, frequentando a instituição unicamente na hora de almoço. Dos 19 utentes existentes, só nove idosos frequentam o centro de dia durante todo o seu horário de expediente, sendo que a

⁹ Plano anual de atividades socioculturais 2012 do Centro de Dia

maioria destes espera que alguém do centro os leve a casa. Quatro chegam a meio da manhã e ficam um pouco na sala de convívio, indo embora logo a seguir ao almoço; seis utilizam o espaço só para almoçar, sendo que uma pessoa deste grupo fica, de vez em quando, até à hora do lanche. Por este motivo, a minha estadia na instituição foi baseada, essencialmente, na interação com o grupo de nove idosos que permanecem o dia todo no centro, e que são muito diferentes entre si. Quatro dos nove utentes vivem sozinhos, três vivem com os seus filhos ou enteado e duas idosas vivem juntas. Também em relação a este grupo, seis são autónomos e os restantes são considerados parcialmente dependentes: um senhor é cego, uma senhora padece de uma doença degenerativa e uma outra idosa tem dificuldades de locomoção. Contudo, apesar de serem considerados autónomos, alguns utentes tomam o seu banho no centro de dia, com a ajuda da coordenadora, porque não o conseguem fazer sozinhos. Os banhos são dados todos os dias mas apenas a um idoso por dia, salvo exceções, como os feriados ou a falta de pessoal. No tempo que passei no centro de dia, só três idosos tomavam banho naquelas instalações mas, nos últimos dias, outro idoso começou a usufruir dessa condição.

O dia-a-dia dos idosos é muitas vezes passado na sala de convívio, perto da entrada do centro de dia. Mas, antes de se deslocarem para este espaço, cinco idosos vão para o refeitório tomar o pequeno-almoço e iniciar as suas conversas do dia, sendo um momento de interação muito importante, como pude perceber desde o início do estágio: *«eu sentei-me à mesa com eles com o propósito de introduzir-me mais facilmente nas suas rotinas e nas suas conversas»*¹⁰. Quando acabam de comer, os idosos levantam-se e dirigem-se, então, para a sala de convívio. Lá, sentam-se nas cadeiras, normalmente com lugares marcados (embora não formalmente), falam entre si, veem televisão, leem o jornal ou dormitam durante o dia. A sala de convívio é comprida e tem entre quatro a cinco bancos encostados em cada parede dos dois lados da sala. No fundo, do lado direito, perto das janelas, tem duas mesas com quatro cadeiras cada e, do outro lado da sala, perto da televisão, tem mais três bancos, dois de um lado e um do outro. A sala tem paredes brancas que estão com alguns enfeites. No canto de uma parede tem flores, de várias cores, feitas em papel crepe; ao centro existe um conjunto de fotografias de algumas atividades realizadas dentro e fora da

¹⁰ Nota de Terreno de 24 de outubro de 2012

instituição e alguns quadros, que também existem na parede em frente. As conversas que os idosos vão tendo baseiam-se muito nas notícias do dia e nas alterações que vão tendo no seu dia-a-dia. Outras vezes falam sobre o seu passado e sobre histórias que os marcaram de alguma maneira, sejam elas positivas ou negativas. Devido à disposição da sala e de uma pessoa ter o seu lugar mais afastado dos outros, as conversas acontecem muitas vezes de uma ponta da sala para a outra, sendo que, por vezes, a idosa levanta-se e vai para perto das outras pessoas. No entanto, isso nem sempre é possível. Dou como exemplo o caso de um idoso que sofre de um glaucoma que o tornou cego que, mesmo com este problema, o seu lugar na sala é perto da televisão e afastado dos outros idosos, o que faz com que ele durma muito durante o dia e não conviva com as outras pessoas. Uma vez perguntei-lhe se não gostaria de estar perto das outras pessoas e ele respondeu-me que não, pois gostava do seu cantinho, onde “ninguém o chateava”. Contudo, na hora do pequeno-almoço e do almoço ele falava bastante e conseguia ter conversas com os outros idosos mas, na sala de convívio, estava bastante afastado dos outros, o que impossibilitava a sua integração nas conversas.

Das rotinas do centro de dia faziam também parte as aulas de ioga e as atividades feitas com a terapeuta ocupacional. Estas últimas atividades serão abordadas no próximo capítulo, para que seja possível analisá-las com mais atenção. Estas atividades decorriam uma vez por semana, durante uma hora, dentro da própria instituição, e tinham uma participação entre seis a oito idosos. As aulas de ioga tinham *«variados tipos de exercícios: alongamentos de braços, pernas, ombros, costas e de relaxamento»*¹¹. No entanto, a participação nas mesmas não era consensual. A princípio, muitos idosos queixavam-se dos exercícios e do cansaço sentido, havendo só uma senhora que se sentia bem, dizendo mesmo que fazia bem às articulações e aos ossos devido à sua doença generativa. Os outros idosos *«diziam que não queriam ir porque aquilo não lhes agradava e outros diziam que lhes doía as costas ou o peito»*¹². Com o passar do tempo, alguns idosos começaram a gostar das aulas e a perceber os seus benefícios. Numa conversa com dois idosos foi possível constatar isso mesmo: um disse que *«ao início não gostava e que se sentia tonto mas, depois da segunda aula*

¹¹ Nota de Terreno de 24 de outubro de 2012

¹² Nota de Terreno de 31 de outubro de 2012

sentiu-se bem e com o corpo em forma, apesar das tonturas»¹³; o outro idoso referiu que «iria fazer ginástica, sentada num banco, mas que iria esticar os braços e fazer o que conseguisse»¹⁴.

Da rotina do centro de dia faz parte, também, a equipa técnica, que é composta por doze pessoas com as mais variadas competências: a diretora técnica, que também cumpre as funções de assistente social, uma escriturária, que trata da medicação dos idosos e é a ligação entre o centro de dia e o exterior, por exemplo com os centros de saúde e farmácias e dá apoio no posto médico e nas consultas feitas no centro. Da equipa faz ainda parte uma coordenadora, que tem um trabalho mais próximo dos idosos e gere o funcionamento do centro de dia: prepara o refeitório, distribui os pequenos-almoços, os almoços e os lanches, dá banho aos idosos, faz-lhes companhia na sala de convívio, marca os almoços para a semana seguinte e faz as contas do dia, as despesas e as receitas do centro. Existe, também, uma cabeleireira, que está em serviço permanente no centro e atende idosos, estejam eles ligados, ou não, ao centro de dia, uma chefe de cozinha, que ajuda também na distribuição dos almoços, duas auxiliares de cozinha e uma empregada de limpeza, que trabalha a meio tempo. A equipa fica completa com as quatro auxiliares de apoio domiciliário. Contudo, nos meses em que permaneci na instituição, a equipa nunca esteve completa, faltando uma auxiliar de cozinha que esteve sempre de baixa médica e, no apoio domiciliário, não foi completada uma vaga que estava por preencher.

Grande parte das funcionárias mora na zona metropolitana do Porto, como Matosinhos ou Gondomar, mas têm um grande conhecimento da zona centro da cidade, o que pode facilitar a interação de outras instituições com o centro de dia. É assumido pela diretora técnica que existe falta de pessoal, fato que não consegue ser colmatado. Uma das faltas mais sentidas é a de um/a profissional na área da psicologia e outro/a na área da animação sociocultural. Esta última falta é colmatada pela presença de estagiários, maioritariamente da escola Alexandre Herculano, mas também da Universidade Lusófona, de uma escola de Cinfães e outros estágios profissionais ligados ao serviço social. Ainda no que concerne às funcionárias do centro de dia, estas são obrigadas a frequentar trinta horas de formação por ano, no mínimo.

¹³ Nota de Terreno de 28 de novembro de 2012

¹⁴ Nota de Terreno de 9 de janeiro de 2013

As ações de formação já realizadas tiveram em vista áreas como os primeiros socorros, combate a incêndios, nutrição na terceira idade, entre outros; todas as funcionárias foram obrigadas a fazer um módulo de ética e deontologia. Segundo a diretora técnica, estas ações de formação tornaram-se muito importantes para o funcionamento do centro de dia, na medida em que é sempre bom juntar a teoria à prática e pelo fato de se conseguir obter novas aprendizagens para o bom funcionamento do centro de dia e para as relações estabelecidas nesse mesmo espaço pois, *«tudo que se aprende, ou quase tudo que se aprende, na teoria vai-se aplicar na prática e é sempre vantajoso para todos os trabalhadores terem um leque de informação mais alargado sobre a população com quem trabalham.»*¹⁵

¹⁵ Entrevista feita à Diretora técnica

CAPITULO IV
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O PERCURSO DE ESTÁGIO

Capítulo IV – Atividades Desenvolvidas Durante o Processo de Estágio

4.1 - Ocupar Tempos e Espaços

Um dos momentos que considero importante para a construção da minha relação com os idosos passou pela minha integração nas atividades que faziam com uma profissional que trabalhava na instituição, uma vez por semana. Através de conversas que mantinha com os idosos, ela preparava algumas atividades que duravam, em média, uma hora e poucos minutos, nas quais participavam, regularmente, oito pessoas - cinco mulheres e três homens. Essas atividades passavam pela utilização de fichas didáticas individuais, jogos de cartas ou de tabuleiro (como o jogo do “burro” e o “jogo da glória”) e alguns jogos em que era preciso papel e caneta (por exemplo, o jogo da “batalha naval”, o “jogo do galo” e o jogo do “stop”). Outras atividades realizadas baseavam-se em fichas didáticas sobre o jogo das diferenças, desenhar linhas semelhantes às do desenho apresentado na folha, entre outras. Foi possível constatar que estes trabalhos eram retirados de material explicitamente pensado para crianças em idade pré-escolar. Embora, durante a minha presença, não tenha sido possível perceber se os idosos sabiam deste pormenor, admito que, se tal acontecesse, isso pudesse ser muito constrangedor para eles. Apesar de alguns participarem nestas atividades, outros questionaram a sua pertinência, havendo um senhor que me *«confidenciou que não sabia porque estava a fazer aquilo e parecia que era como se tivesse voltado à escola»*.¹⁶

Durante a minha presença, a responsável tentou realizar algumas atividades com malhas, designadamente uma, chamada esmirna. Devo confessar que não conhecia este tipo de trabalhos, mas a terapeuta mostrou-me, através de algumas revistas e vídeos na internet, como se podia fazer. A atividade consiste em usar uma tela de rede larga, uma agulha própria para fazer nós na tela e uma lã de tapetes, permitindo fazer, além de tapetes, estojos, mantas, entre outras coisas, dependendo da imaginação de quem trabalha. Inicialmente, mostrei-me um pouco reticente quanto à adesão dos idosos a tal trabalho e expus o meu ponto de vista, mas a terapeuta

¹⁶ Nota de Terreno de 25 de outubro de 2012

considerou que as minhas preocupações eram infundadas e considerou que os idosos iriam gostar. O desenvolvimento desta atividade colocou-me algumas interrogações, nomeadamente sobre o modo como a profissional posiciona o seu trabalho com os idosos. Numa conversa sobre a atividade, entre as duas, a responsável mostrou muito entusiasmo em fazer este trabalho, na medida em que considerava ser muito interessante e muito fácil de os idosos o realizarem. Ao ver o resultado final, eu também pensei que, efetivamente, seria muito interessante, até porque poderia ter uma utilidade para eles, dado o tipo de materiais que podiam fazer. No entanto, o interesse da instituição foi colocado à frente do interesse do público com quem trabalha, pois *«tudo que fizessem teria de ter utilidade para a casa [instituição]»*.¹⁷

No início da atividade, a responsável demonstrou aos idosos o que queria que eles fizessem, só para saber se conseguiam executar o movimento entre a agulha e o pano e, depois, passou o material para um idoso começar a fazer. Ele explicou que não tinha percebido mas, perante a insistência da terapeuta, tentou, sem sucesso, proceder à atividade. Depois de algum tempo passado, a terapeuta decidiu cortar o pano para dividir pelos outros idosos para que também pudessem fazer a sua parte mas, quando começou a dar mais atenção às mulheres, o idoso que tinha iniciado a atividade parou de imediato o que estava a fazer e ficou a olhar para as outras pessoas. Havia uma idosa que estava um pouco mais cética, não tendo querido participar. A responsável *«(...) perguntou-lhe se ela queria experimentar, ao que ela encolheu os ombros e disse que se sentia uma bebe em fazer aquilo, o que fez com que o resto das pessoas se risse. (...) ficou, quase, chocada e perguntou-lhe porque é que ela dizia isso»*. Ao que a idosa respondeu, *«notando-se uma certa vergonha ou medo de falar: “Sinto-me uma criança porque os meus netos e bisnetos fazem isto na escola, que eu já vi”. “E é por eles fazerem isto na escola e você fazer aqui que faz de si uma criança? Não.”, respondeu imediatamente»*.¹⁸ Depois desta pequena conversa a idosa pegou no material e começou a fazer os nós com os fios no pano, contudo continuava um pouco relutante.

Como já foi referido, Gillet (1995) considera a existência de duas correntes da animação sociocultural. A primeira, do tipo determinista, entende o animador como um prestador de serviços que tem de prestar contas aos responsáveis. A segunda

¹⁷ Nota de Terreno de 3 de janeiro de 2013

corrente, do tipo humanista, encontra-se mais centrada na animação como um meio de cultura em que todos podem intervir, reconhecendo-lhes legitimidade, liberdade e individualidade. Nesta vertente, o animador surge como uma ajuda para que as outras pessoas se possam tornar mais autónomas, responsáveis e críticas para que, assim, consigam construir o seu percurso no mundo que os rodeia.

Tendo em conta os modelos de animação sociocultural, referidos por Gillet, a idosa sentiu-se colocada numa posição consumista, na medida em que teve uma ação passiva, de consumo de produtos. Ou seja, as individualidades e os hábitos culturais de cada um não foram tidos em conta pois,

*«como são pessoas mais velhas e têm uma educação diferente, não entendem porque um homem tem de fazer aquilo, na medida em que os trabalhos manuais, como as tapeçarias ou a costura, fazem parte do quotidiano das mulheres. Segundo ponto, não foi bem explicado à idosa o porquê de se fazer aquela atividade e que nada tem a ver com o que os bisnetos fazem na escola pois, no centro espera-se que eles usem os seus conhecimentos para aperfeiçoar técnicas ou até mesmo para ajudarem quem não sabe fazer ou tem mais dificuldades».*¹⁸

As atividades preferidas dos idosos eram os jogos, fossem eles de tabuleiro ou de papel. Isto era perceptível na sua satisfação enquanto essas atividade decorriam. *«(...) disse que tinha pensado em jogar ao Loto, todos assentiram e estavam bastante entusiasmados» (...) «Durante este jogo foi possível notar uma certa competitividade entre eles, principalmente perto do fim, mas, ao mesmo tempo, ficaram contentes e contaram que antigamente jogavam muitas vezes e a dinheiro».*¹⁹

Os idosos gostavam também de outro tipo de atividades que não eram preparadas pela terapeuta ocupacional. Na conversa gravada com eles, lembraram algumas dinâmicas que fizeram com alguns estagiários que passaram pelo centro de dia ou com outras pessoas que os incentivavam a praticar novas experiências. Uma dessas atividades passava por trabalhos manuais, como pintar sabonetes, pinturas em vidro ou trabalhos em barro. Estes trabalhos entusiasmaram-nos, na medida em que

¹⁸ Nota de Terreno de 3 de janeiro de 2013

¹⁹ Nota de Terreno de 6 de dezembro de 2012

conseguiram mostrar potencialidades, que até desconheciam. Na mesma conversa, os idosos deram, ainda, ideias sobre novas formas de passarem o tempo dentro da instituição, sendo a leitura a que teve mais adesão, isto é reunirem-se a lerem um livro, «*uma pessoa que estivesse aqui, ou uma de nós a ler um livro, um conto aos bocados. Hoje um bocado, amanhã outro bocado*».²⁰ No entanto, estas atividades não são fáceis de realizar, uma vez que a instituição não tem um/a profissional de animação e, por isso, não cria espaços ou tempos suficientes para dedicar aos seus idosos; eles mesmos referem que «*nunca ninguém se interessou por fazer nada, nada. E ninguém queria trabalhar*» ou «*agora não se faz nada*»²⁰. Sobre este assunto, a instituição assume que o acolhimento de estagiários é benéfico para todos, pois «*o trabalho é muito e acaba por ser sempre um apoio muito positivo para nós*».²¹ O fato de a instituição mostrar uma certa dependência dos estagiários que a procuram para aprenderem uma profissão, revela a carência de profissionais que dinamizem atividades no Centro, no âmbito da animação sociocultural, o que limita as possibilidades de um trabalho mais específico com os idosos e com a comunidade.

4.2 - Atividades Natalícias

Na tentativa de proporcionar algumas atividades relacionadas com a época natalícia, pedi aos idosos que levassem para o centro de dia alguns novelos de lã ou de linho para que fosse possível fazer algumas bolas para o pinheiro de natal. A atividade consistia em encher balões, enrolar à volta algumas linhas, passar com cola branca, deixar secar e, mais tarde, rebentar os balões para que as linhas ficassem com a forma de uma bola para serem penduradas. Numa manhã, e num primeiro momento com a ajuda da terapeuta ocupacional, expliquei aos idosos o que pretendíamos fazer e mostrei, através de um computador, o resultado que pretendíamos. Assim, os idosos começaram por encher os balões e enrolar as linhas e, na parte da tarde esperávamos colocar a cola branca. Contudo, encontramos num saco uma meada de malha que estava muito entrelaçada e, juntamente com os idosos, começamos a desfazer a meada, colocando de parte a outra atividade. Apesar de ter havido uma dispersão no decorrer da atividade, o momento que se seguiu foi também muito importante, tanto

²⁰ Conversa Informal com os idosos

²¹ Entrevista à responsável da instituição

para mim como para os idosos. Esta segunda atividade durou dois dias e reuniu alguns idosos, na maioria do sexo feminino, tendo permitido o desenvolvimento de várias conversas e de momentos de convívio entre todos. Como este trabalho começou de tarde, as conversas surgiram no dia seguinte, durante a manhã. Quando recomeçamos a desfazer a meada, só estavam duas idosas à volta da mesa a pegar nos fios mas, uma outra senhora que estava a ver, integrava-se nas conversas, que variaram entre histórias sobre o aparecimento de problemas de saúde, histórias antigas sobre o centro de dia e as relações lá criadas ou sobre as notícias que vinham no jornal. Um outro idoso, cego, estava mais afastado do grupo mas, como no dia anterior, quis participar na atividade expressando sorrisos.

*«(...) conseguimos integrar um idoso cego, dando-lhe um fio, pela ponta, e ele começou a enrolar e, sempre que acabava pedia mais fio para continuar a enrolar. Quando chegou a hora de irem embora, o senhor disse que queria fazer mais».*²²

*«(...) confessou que gostou de fazer o mesmo no dia anterior porque o distraiu e ele gosta de coisas que o distraiam».*²³

Esta atividade foi muito importante, não só por integrar um idoso que costuma querer estar afastado dos outros idosos, mas sobretudo pela comunicação estabelecida entre as idosas. A interação torna-se importante, na medida em que podem transmitir *«os seus sentimentos e emoções através da voz, do comportamento, da postura e do movimento»* (Jacob, 2007: 18). Apesar de as conversas terem surgido através de um movimento repetitivo, como é enrolar fios de lã, isso não impediu as pessoas de falarem umas com as outras e, quando sentiam necessidade de gesticular paravam o que estavam a fazer e, depois, retomavam com agrado, dando a conhecer melhor fatos da sua vida pessoal e esclarecendo melhor fatos já conhecidos por todos. Esta atividade acabou por se constituir num momento muito significativo pelas conversas que proporcionou, permitindo um melhor conhecimento das pessoas que ocupam aquele espaço.

²² Nota de Terreno de 22 de novembro de 2012

²³ Nota de Terreno de 23 de novembro de 2012

Outra atividade realizada foi também sobre a época natalícia. Depois de se ter montado o pinheiro de natal, algumas idosas verificaram que não havia um presépio como nos anos anteriores, apesar de haver as personagens referentes ao mesmo. Depois de pensarmos um pouco, eu e algumas idosas, decidimos aproveitar alguns materiais existentes na instituição para imitar o estábulo e para, também, proteger as peças para não se partirem. Escolhi uma caixa em bom-estado e levei algum material para a sala de convívio. *«Quando viram o material, duas idosas tiveram a ideia de forrar a caixa com o papel metalizado, onde o verde cobria a caixa por fora e o dourado fazia uma imitação de palha por dentro da caixa».*²⁴ Os papéis foram cortados e colados com cola e fez-se uma estrela cadente em papel, que uma idosa pintou de amarelo, e colou-se no cimo da caixa. No fim, colocou-se a caixa de baixo do pinheiro de natal e, dentro da mesma, as personagens referentes ao presépio. Durante esta atividade surgiram algumas conversas sobre as tradições natalícias e sobre uma notícia de uma afirmação do Papa Bento XVI acerca da inexistência dos animais, como o burro e a vaca, no presépio, havendo uma idosa que se mostrou *«chocada com a notícia, principalmente por ter sido o Papa a divulgá-la».*²⁵ Com esta atividade, e seguindo a linha de pensamento de Jacob (2007), pretendeu-se promover o entretenimento entre os idosos, assim como a sua criatividade e o convívio. É essencial trabalhar o domínio social do idoso para evitar o isolamento e a solidão, criando o seu próprio grupo de interações e de relações, isto pode ser possível se o idoso conseguir integrar-se na sua comunidade ou numa instituição, como um centro de dia, onde pode receber algum apoio de que necessite mas também criar novos conhecimentos e relações pessoais, o que faz com que seja crucial os idosos não se afastarem destas oportunidades.

Contudo, e apoiando-me nas teorias de Lopes (2008), Larrazábal (2004), Ander-Egg (1989) e de Gillet (1995), estas atividades descritas seguiram a mesma lógica das atividades realizadas pela profissional referida anteriormente. Apesar de ter conseguido relacionar-me com os idosos e com a instituição, estabelecendo *«uma comunicação positiva entre pessoas, grupos»* (Larrazábal, 2004: 125), as atividades foram pensadas só por mim sem ter consultado os intervenientes, neste caso os idosos, apresentando a atividade no dia em que a fizeram. Efetivamente, não foi posta

²⁴ Nota de Terreno de 29 de novembro de 2012

²⁵ Nota de Terreno de 23 de novembro de 2012

em prática a vertente abstrata da animação sociocultural, que define os intervenientes como produtores de cultura e autónomos, capazes de tomarem as suas próprias decisões e de realizar escolhas sobre como passar o seu tempo livre e o que fazer durante o dia. As atividades planeadas poderiam ter sido orientadas numa outra perspetiva, sendo que, as que foram propostas, levaram os idosos a fazer um trabalho que os direcionou para o interior da instituição e não para a comunidade envolvente. Segundo Garcia, citado por Lopes (2008), a animação sociocultural é um «*campo dinâmico, mas disperso e contingente*» (*idem*: 530), na medida em que existem diferentes tipos de animadores e formas de trabalhar a animação. Como refere Gillet (1995), a animação sociocultural pode ter uma perspetiva de libertação, fomentando a autonomia, ou uma visão de controlo, limitando a intervenção individual. Penso que as atividades realizadas pelos idosos basearam-se na segunda perspetiva, na medida em que tiveram em vista a ocupação do tempo livre e a animação numa vertente mais formal, tendo sido marcados tempos e espaços para a realização de atividades que foram pensadas para os idosos e não pensadas e propostas por eles.

4.3 - Relações Presentes no Centro de Dia

O ser humano precisa de se relacionar com os outros, sendo muito importante a interação entre as pessoas. As relações que se estabelecem são marcadas por uma multiplicidade de formas de comunicação, que podem ser verbais, através de movimentos corporais ou até mesmo através do toque e dos cheiros, na medida em que o ser humano é atraído por uma pessoa e pelas características que a englobam, sejam estas físicas ou sensoriais. Assim, as relações criadas permitem construir uma identidade social, ou seja o conceito que temos de nós próprios, que só decorre do saber e participação num certo grupo social (Tajfel, 1982), sendo que um indivíduo apenas permanecerá num dado grupo se este lhe proporcionar satisfação; se isso não acontecer, o indivíduo tenderá a abandoná-lo e a procurar novos.

Como é a partir das relações que se vão estabelecendo, que uma pessoa se vai construindo, torna-se importante abordar as relações existentes dentro do centro de dia onde decorreu o estágio. Estas relações baseiam-se na interação entre os idosos,

entre a equipa técnica e entre uns e outros pois, sendo um espaço onde todos se encontram e convivem, é inevitável que se criem relações de amizade, cumplicidade ou até mesmo de conflito.

i. Os Idosos

Os idosos que passavam mais tempo no centro de dia tinham uma boa relação e criaram um grupo divertido e simpático. Durante o dia, tinham as suas rotinas e conversas habituais, *«comentam o que está a dar na televisão (...), as notícias dos jornais, doenças ou sobre medicamentos»*.²⁶ Outros idosos passavam o tempo a fazer sopa de letras, palavras cruzadas ou a lerem jornais e revistas. Contudo, quando chegavam alguns idosos, que usufruíam do centro de dia exclusivamente na hora de almoço, por vezes, o ambiente da sala ficava um pouco mais pesado e criava-se uma certa tensão entre alguns. Estas tensões deviam-se a conflitos anteriores, por causa das diferenças de personalidade existentes, de pontos de vista distintos ou até mesmo pela diferença de condições de vida e estatuto socioeconómico. Uma conversa que tive com uma idosa ajudou a perceber algumas das tensões existentes: enquanto víamos as notícias na televisão, uma outra senhora comentava o que estava a ver e referia que todos tinham de aceitar os cortes financeiros impostos pelo governo português, dizendo *«se nos vão ao bolso que remédio aceitar»*. Este comentário não foi bem aceite pela idosa que estava a falar comigo que comentou que, esta senhora falava assim *«porque tem uma reforma muito grande. (...) Se tivesse uma reforma como a minha.»*.²⁷

Um assunto importante para os que frequentavam a sala de convívio, e gerador de alguns conflitos, era os lugares que ocupavam naquele espaço. Um dia, quando uma idosa chegou ao centro de dia e viu um outro idoso sentado na cadeira que dizia ser dela, a senhora confrontou-o e *«disse-lhe que, quando ela viesse, não se podia sentar naquela cadeira porque a tinha comprado. Ele respondeu que se ela quisesse que podia comprá-la de volta a ele»*, notando-se *«alguma hostilidade»*.²⁸ Esta situação, que aconteceu algumas vezes, tinha o apoio e a compreensão de outros idosos que

²⁶ Nota de Terreno de 26 de outubro de 2012

²⁷ Nota de Terreno de 24 de outubro de 2012

²⁸ Nota de Terreno de 7 de dezembro de 2012

comentavam que o senhor *«era mal-educado pois, “sabe que aquela cadeira é dela mas, senta-se sempre lá. E ainda se ri”»*.²⁹ Contudo, com o passar do tempo estes conflitos foram sendo minimizados e passaram a ser momentos de brincadeira entre os dois, na medida em que *«se ao início era mais agressiva a falar, ultimamente tem brincado mais»*.²⁵ Assim, é possível ver que as relações entre os idosos eram muito paradoxais, na medida em que algumas vezes se davam bem ou eram cordiais e, outras vezes criavam alguns conflitos.

Os conflitos acontecem por vários motivos. Por exemplo, o medo sentido perante o que pode acontecer, a força física, emocional ou moral que uma pessoa pode exercer sobre outra, sentir-se vítima de alguma injustiça ou sentir-se explorado, seja emocionalmente ou monetariamente. Estas discórdias podem acontecer porque as pessoas transmitem e recebem a informação passada de modo diferente, na medida em que *«quando os interesses dos comunicadores estão em conflito, eles podem chegar a comunicar suas posições e intenções»* (Littlejohn, 1982: 252), interessam-se por coisas diferentes ou porque têm outros valores ou crenças. Contudo, os conflitos podem não ser só negativos pois, podem oferecer coisas novas que fazem com que as pessoas sejam capazes de aprender algo ao mesmo tempo. Esses novos conhecimentos podem fazer com que uma pessoa consiga interagir com o seu conflito, combatendo-o, negociando ou redefinindo o problema, para que seja possível reenquadrar a situação ou até mesmo para encontrar uma nova solução (Littlejohn, 1982).

Uma outra forma de lidar com um conflito é ignorá-lo, ou seja, tornar um conflito num falso consenso. De acordo com Watzlawick, isto acontece quando uma das partes é submissa, onde se pode mostrar exteriormente concordante, ou pelo conformismo, onde uma pessoa pode alterar a sua convicção por pressões externas. Estes dois pontos fazem com que o conflito seja oculto. Numa conversa com os idosos que fazem parte da instituição onde decorreu o meu estágio, uma idosa contou que, depois de algumas discussões com outras pessoas do centro de dia, estava naquele espaço *«porque preciso. Eu disse aqui às senhoras: “o meu dinheiro não chega para eu comer e pagar a renda (...). Os meus filhos não me dão nada e eu se não viesse para aqui passava fome. Ou havia de pagar a renda ou havia de pagar a comida. Eu estou*

²⁹ Nota de Terreno de 11 de janeiro de 2013

*aqui por conveniência minha, porque não tenho hipóteses de estar noutra sítio.»*³⁰

Com este exemplo é possível perceber que a idosa tentou resolver os seus problemas à sua maneira, *«meti-me ali para o canto, porque é ali que eu me sinto bem, nem vejo nem ouço a bem dizer.»*²⁹, no sentido em que, se no início respondia ao que ela considerava serem provocações, com o deterioramento da sua saúde, a senhora começou a mudar de atitudes para poder usufruir melhor daquele espaço,

Posto isto, e tendo em conta que um centro de dia é um espaço onde se encontram várias pessoas, com diferentes histórias de vida e com formações distintas, é importante ter o cuidado de as integrar no mesmo espaço pois essas relações vão fazer parte da vida dos idosos.

ii. Os Idosos e o Centro de Dia

No que concerne à relação entre os idosos e a instituição, esta era boa existindo, no entanto, uma maior confiança e mais proximidade com alguns dos idosos que passavam o dia todo no centro. Esta proximidade foi visível ao longo de todo o estágio mas, numa conversa com uma funcionária, ela confessou que sente mais carinho pelos idosos *«que são mais dependentes e que precisam de mais ajuda»*.³¹ Já um idoso não se importava de, todos os dias, referir que gostava muito de todas as funcionárias pois, tratavam-no e cuidavam muito bem dele, referindo que *«se eu quisesse deitar um defeito a alguma não conseguia. Não tenho... palavra de honra, não tenho nada a dizer. (...) São tão agradáveis.»*³²

Com os idosos que passam menos tempo no centro de dia, também existia uma boa e estável relação. As relações são mais visíveis durante o almoço, na medida em que a sala fica cheia e as funcionárias falam e brincam com os idosos, enquanto distribuem a refeição. O refeitório tem seis mesas e os idosos têm os lugares marcados, pelo que já têm companhia certa para o almoço e para as conversas que então ocorrem, criando uma relação mais próxima com os parceiros de mesa. Às vezes, as conversas passam de umas mesas para as outras, o que faz com que a sala fique mais barulhenta; outras vezes, as funcionárias mantêm conversas com os idosos,

³⁰ Conversa Informal com os Idosos

³¹ Nota de Terreno de 22 de novembro de 2012

³² Conversa Informal com os Idosos

que também podem passar para conversas gerais, onde toda a sala participa. Era na hora de almoço que as funcionárias interagiam mais com os idosos, o que para alguns era muito bom. Algumas funcionárias aproveitavam este momento de descontração para falarem de assuntos sérios com alguns idosos mas, o que imperava, todos os dias, neste momento, era a boa disposição. Uma funcionária, que não é habitual estar no refeitório, comentou que

*«tinha de fazer isso uma vez por semana pois, divertia-os. (...) uma idosa pediu-lhe para pôr pouquíssima comida, para fazer o prato mais pequeno que pudesse e, então, ela pegou no pires de uma chávena de café, colocou um pouco de puré nesse pires e foi servir perguntando: “Está bom assim?” (...) a senhora começou a rir-se tanto que não conseguia parar de rir.»*³³

Estas relações são muito saudáveis, tanto para o centro de dia como para os idosos, na medida em que, sendo uma instituição pequena, é preciso criar momentos de partilha e de lazer e, quando a melhor altura para isso acontecer é na hora de almoço, então esse espaço tem de ser repensado para ser melhor aproveitado e para se tirar partido do que nos oferece.

Outro ponto importante a apontar na relação entre os idosos e o espaço que os acolhe tem a ver com os momentos de trabalho em que estes podem participar. Na época natalícia, uma idosa pediu para ajudar nos preparativos do almoço de natal, o que uma funcionária consentiu, pedindo-lhe para ajudar a cortar umas fatias de bolo-rei e a embrulhá-las em papel de alumínio para poderem ser distribuídas mais tarde. Enquanto preparávamos tudo, a mesma senhora confessou-me que gostava de ajudar, oferecendo-se muitas vezes para o efeito, principalmente em dias de maior trabalho, em que era preciso preparar um grande almoço, sem descurar dos deveres do dia-a-dia da instituição. Na conversa informal, que foi gravada, a mesma idosa voltou a referir a sua vontade de ajudar, *«Eu também sou utente e ajudo no que posso, sinto-me útil. E, no entanto, eu já disse, muitas vezes, e tenho ajudado e digo que se for preciso alguma coisa, digam-me.»*. O envolvimento e participação em atividades deste tipo pode constituir-se, para muitos idosos, em momentos particularmente

³³ Nota de Terreno de 12 de dezembro de 2012

gratificantes, sentindo-se úteis. A instituição deve, pois, ser a mediadora entre o trabalho e os idosos, na medida em que muitos trabalharam desde cedo e durante toda a sua vida, o que faz com que essa parte das suas vidas não possa ser colocada de parte de um dia para o outro devido à idade da reforma. É importante a instituição manter os idosos ativos, o que também pode fazer com que se integrem melhor numa instituição e nas suas relações.

Como em todas as instituições, e principalmente pelo seu trabalho ser diretamente ligado às pessoas, existem também alguns conflitos entre as funcionárias, que não conseguem passar despercebidos entre as pessoas. *«Durante o almoço houve uma altercação entre as funcionárias, tendo mesmo a diretora do centro que intervir pois, como existe uma pessoa de baixa médica há dois meses, o cansaço acumula-se e, hoje, os ânimos exaltaram-se. Apesar de terem fechado a porta da copa, que dá acesso ao refeitório, a discussão era tanta que se ouviu na sala e chamou a atenção dos idosos que começaram a comentar o que se passava. Diziam: - «Hoje o diabo anda à solta.», «Isto hoje está complicado.».* Quando a discussão acabou, os idosos sentiram, e comentaram, a tensão que estava na sala.»³⁴. Quando uma situação destas acontece, e apesar de tentarem resguardar os idosos dos problemas existentes no centro de dia, a verdade é que estes conseguem ter bem a noção do que se passa e, entre eles, opinam sobre algumas matérias e mudanças que poderiam existir.

Durante o meu percurso de estágio foi possível perceber a interação entre a instituição e os familiares dos idosos. Poucos dias depois da minha entrada no centro de dia, um idoso também ingressou naquele espaço, na medida em que precisava de apoio na alimentação. Com o passar do tempo percebemos que o senhor tinha alguns problemas de saúde, sendo levado duas vezes para o hospital mas, sem diagnóstico certo e sem nenhum apoio familiar. Com esta situação a deteriorar-se, a assistente social contactou os familiares mais próximos do idoso e pediu para comparecerem para falarem sobre o senhor. Numa conversa um pouco confusa e com algumas altercações, a técnica conseguiu perceber melhor a dinâmica familiar e as suas relações para o poder ajudar no que ele necessitasse, tanto no centro de dia como na sua vida pessoal. Num outro momento, e durante o almoço, o centro de dia recebeu a notícia da morte de um idoso, que usufruía do serviço de apoio domiciliário, e,

³⁴ Nota de Terreno de 26 de novembro de 2012

prontamente, a diretora do centro ligou para os familiares *«para saber pormenores do funeral e para encomendar um ramo. A familiar do senhor disse que não valia a pena preocupar-se com isso, mas a diretora disse que é um costume do centro fazer isso e que fazia questão de comprar um ramo.»*.³⁵ Contudo, na impossibilidade de comparecer no funeral, a diretora decidiu ir ao velório nesse mesmo dia e eu acompanhei-a. Nesse momento, a diretora apoiou a família, que elogiou o trabalho das funcionárias do centro de dia, dizendo mesmo que gostariam de retribuir monetariamente a cada uma delas. Num momento um pouco mais doloroso, foi possível constatar que o trabalho do centro de dia pode ser muito importante para os idosos e para as suas famílias, na medida em que recebem apoio de pessoas, que não conhecem, para trabalharem com os seus idosos e para os ajudarem nas suas dificuldades.

Durante os meses de estágio, eu também fiz parte da equipa técnica e, também, me relacionei com os idosos. A nossa interação foi muito positiva, não só para este trabalho, como também para o meu crescimento enquanto profissional e como pessoa. As nossas conversas na sala de convívio transformaram-se em novos conhecimentos de parte a parte, criaram-se novas relações, momentos de interação descontraídos e alegres e de algumas conversas mais íntimas e com algumas confidências. No momento da minha saída, algumas funcionárias relataram que o meu trabalho estava a ser importante, pois eu tinha tempo de fazer o que algumas não tinham: estar com os idosos, e esse é o trabalho mais importante numa instituição como um centro de dia. Esta opinião também fazia parte do íntimo de alguns idosos, e tive noção dessa realidade quando um me disse que *«não estou a dar graxa mas, você vai fazer falta, um bocadinho. Você convive muito connosco.»*.³⁶ Neste momento, eu senti que a minha presença naquele espaço talvez tenha sido mais importante do que eu própria pensava e comecei a olhar de outra forma para o que se chama “fazer companhia” aos idosos, na medida em que, muitas vezes, esta população quer ter alguém com quem falar, que lhe faça companhia e que o ouça, tanto nas coisas boas como nas coisas menos boas. Isso foi o que tornou a minha intervenção num trabalho mais rico e com mais capacidade para a minha futura vida profissional.

³⁵ Nota de Terreno de 15 de janeiro de 2013

³⁶ Conversa Informal com os Idosos

A minha saída foi preparada durante todo o tempo que estive na instituição. Desde a minha entrada que os idosos me perguntavam quando acabaria o meu estágio, ao que eu respondi que faltavam quatro meses para tal e, com o aproximar da data da minha saída, fui avisando os idosos de que a minha estadia no centro estava quase a acabar. Todos os dias relembra-los sobre a minha partida, o que originou algumas conversas sobre o futuro.

iii. A Equipa Técnica

A minha interação com as funcionárias aconteceu, maioritariamente, na hora do almoço, tanto dos idosos como das mesmas (que almoçavam mais tarde), permitindo-me, quando estive só com elas, uma maior perceção dos seus pensamentos sobre o centro de dia, as suas rotinas, sobre os idosos e sobre a relação profissional que as une. Enquanto durou o meu estágio, segui também muito de perto o trabalho da coordenadora e da escriturária, pois eram as que trabalhavam mais próximas dos idosos e a quem eles recorriam quando tinham algum problema ou dúvida.

Primeiramente, penso ser importante referir que, entre a equipa técnica, existia uma diferenciação entre as funcionárias do centro de dia e as funcionárias do serviço de apoio domiciliário. Apesar de todas pertencerem aos quadros da instituição, o local de trabalho difere entre o centro de dia e a casa dos idosos, o que cria algumas diferenciações entre a equipa. Apesar de não ter ficado bem explícito o porquê desta diferenciação, penso que tal diferença acontecia por causa dos idosos com quem trabalhavam, ou seja, como as funcionárias do apoio domiciliário não tinham muita interação com os idosos que frequentavam o centro de dia não se sentiam como uma parte integrante do mesmo espaço e o mesmo acontecia com as funcionárias que trabalhavam naquele espaço em relação ao serviço prestado fora da instituição.

Como já referi anteriormente, as relações entre as funcionárias eram mais visíveis à hora do almoço e, como tal, aproveitavam esse tempo para discutir assuntos relacionados com a instituição e o seu funcionamento. Foi a partir desta interação que comecei a conhecer melhor o centro de dia e os problemas existentes, tanto com os idosos como institucionalmente. Esta comunicação permitia, também, transmitir

assuntos e problemas existentes com os idosos ou com o centro de dia a outras funcionárias. Dou como exemplo o trabalho da coordenadora. Como o trabalho desta era mais próximo dos idosos, caso acontecesse alguma coisa, a hora de almoço era o ideal para ela transmitir a informação à diretora técnica do centro ou a outra funcionária, dependendo do assunto em questão. No entanto, a hora de almoço não era só para falarem ou resolverem problemas, sendo também um momento de descontração e de conversas banais, como os acontecimentos do seu dia-a-dia pessoal ou profissional. Esta hora era um momento mais informal pois, a diretora técnica, que também almoça com as funcionárias, permitiu que não se sentissem acanhadas com a sua presença.

Alguns conflitos laborais eram mesmo resolvidos na hora de almoço, na medida em que, como eram poucas, conseguiam, entre si, discutir e encontrar soluções para que o problema não se voltasse a repetir. Um desses conflitos, relativamente recorrente, era sobre o trabalho excessivo que existia tanto no centro de dia como no serviço de apoio domiciliário, o que fazia com que ficassem «*descontentes com o seu serviço, pois andam muito sobrecarregadas e sem condições de trabalho.*».³⁷ Devido à atual crise socioeconómica, o centro de dia tinha muita procura, mas pouco pessoal para o funcionamento integral e sem problemas ou queixas de idosos e dos seus familiares, o que levou a algumas divergências entre as funcionárias, na medida em que algumas sentiam que trabalhavam muito sem nenhum tipo de ajuda ou de ânimo perante esta situação. Nos dias em que existia mais trabalho, os conflitos eram mais presentes e mais difíceis de ocultar.

Outro conflito patente eram os discursos, por vezes desadequados, sobre os idosos, o trabalho feito e sobre a própria instituição. Como o centro de dia era uma casa centenária, ou seja, antiga, as paredes que separavam as várias divisões da instituição eram um pouco finas, o que fazia com que as conversas se ouvissem de um lado para o outro, sem que a pessoa que estivesse a falar desse conta. Numa instituição tão pequena e onde têm de coabitar pessoas com várias personalidades, opiniões e feitios, é importante ter o cuidado com as conversas tidas em momentos que pensamos estar sós, pois não é possível sabermos se alguém está a ouvir. Além disso, é importante resguardar as pessoas que frequentam o centro dos problemas

³⁷ Nota de Terreno de 2 de janeiro de 2013

existentes, na medida em que os idosos não têm de se preocupar com eles. O momento mais explícito da falta de cuidado com os discursos aconteceu quando um idoso se sentiu mal e, ao passar pelo refeitório, uma funcionária comentou com as outras que aquele senhor *«iria morrer no centro pois, como ele chegou muito branco à mesa e já foi duas vezes para o hospital, não irá durar muito.»*.³⁸ Este acontecimento fez-me pensar que é importante desenvolver ações de formação para os profissionais que trabalham com os idosos. Contudo, na entrevista que tive com a diretora técnica do centro de dia, foi-me revelado que *«todos foram obrigados a fazer o módulo de ética e deontologia»* e que, posteriormente, cada funcionária teve formações destinadas ao serviço que prestava na instituição. No entanto, é importante perceber que as ações de formação vão muito mais além do trabalho de cada profissional numa instituição. Como já descrevi anteriormente, o Centro de Dia onde decorreu o meu estágio é pequeno e tem uma dinâmica muito familiar, o que faz com que toda a equipa técnica conviva diariamente com os idosos que o frequentam. Neste sentido, as formações não podem restringir-se unicamente ao tipo de trabalho que cada profissional tem na instituição, mas também à importância do trabalho com e para idosos e as relações que com eles criam.

Para além dos conflitos, também houve momentos de aproximação e de amizade. Na hora de almoço dos idosos, algumas funcionárias brincavam entre si, no meio do refeitório, o que provocava algumas gargalhadas entre todos. Sempre que alguma funcionária tinha um problema, as outras apoiavam-na e davam conselhos sobre o caminho a seguir. Um dos momentos mais altos dessa demonstração de carinho aconteceu no dia em que se soube que a direção técnica do Centro de Dia iria sofrer algumas alterações. Como sempre, o anúncio foi dado na hora de almoço das funcionárias e *«chocou algumas pessoas que começaram a perguntar porque estariam a fazer essa reestruturação, não entendiam o porquê de mudarem de direção, quando a diretora fez um bom trabalho, melhorando o centro de dia, tudo em cinco anos, tempo em que conquistou toda a equipa e os idosos.»*.³⁹ Depois de digerirem a notícia, algumas funcionárias decidiram preparar um abaixo-assinado para evitar que tal acontecesse. Apesar de não ter surtido efeito, houve muita adesão a este processo, no

³⁸ Nota de Terreno de 28 de janeiro de 2013

³⁹ Nota de Terreno de 17 de janeiro de 2013

sentido de tentar evitar que a diretora saísse do centro de dia, o que mostrou a dedicação e a união de todo o grupo de trabalho.

Contudo, e como referi anteriormente, este processo de mudança nunca foi explicado aos profissionais e aos idosos. Numa decisão administrativa, o Centro de Dia sofreu uma reestruturação na direção, sem nunca consultar as pessoas envolvidas e sem informar os idosos que servem. A transmissão desta informação ficou a cargo da então diretora técnica que, depois de transmitir a notícia, foi confortada e mimada pelos idosos que a ouviam atentamente: *«muitos idosos abraçam-se à diretora, começam a chorar e dizem que vão sentir muita a falta dela e que gostam muito dela»*.⁴⁰ No entanto, durante os restantes dias, e até ao fim do meu estágio, nunca houve uma explicação sobre tudo o que tinha acontecido e, tanto funcionárias como os idosos, não tiveram nenhuma explicação sobre as recentes mudanças que o Centro de Dia estava a viver, o que mostrou, por parte da administração pouca consideração e respeito pelos seus profissionais e pelos idosos.

⁴⁰ Nota de Terreno de 21 de janeiro de 2013

CAPITULO V
AS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E A SUA IMPORTÂNCIA NA
INTERVENÇÃO SOCIAL

Capítulo V – As Ciências da Educação e a sua Importância na Intervenção Social

Tendo em conta a licenciatura em Ciências da Educação, espera-se que o/a licenciado/a tenha, entre outras, a *«capacidade de diagnosticar e de intervir na resolução de problemas na área da educação/formação, em diferentes contextos»*⁴¹, o que se completa com a formação no 2º ciclo de estudos constituído *«por uma iniciação e integração à profissionalidade»*⁴². Por isso, torna-se importante, neste ciclo de estudos, participar num estágio, para ser possível conhecer uma das variadas vertentes profissionais que este curso oferece, o que no meu caso se concretizou através da integração num centro de dia, instituição destinada à população mais velha.

As instituições sociais têm a responsabilidade de criar caminhos de ligação entre a sociedade e as pessoas que as procuram, na medida em que as aproxima e tenta integrá-las. No caso dos idosos, as instituições devem criar pontes com a sociedade, na medida em que estes sempre fizeram (e fazem) parte dela, ajudaram no seu desenvolvimento e fazem parte da sua história, tanto cultural como pessoal e, por isso, não podem ser afastados dessa realidade. É neste ponto que o trabalho de um/a especialista em educação e formação, na vertente da animação sociocultural, se torna importante, pois é ele/ela que constrói, juntamente com os idosos, as pontes com a sociedade. Tem de ouvir o idoso, com a máxima atenção, perceber a sua cultura e os seus ideais e, a partir daí, criar ligações com outras instituições, sejam elas de cariz social ou cultural e construir, conjuntamente, projetos significativos.

Tendo por base o estágio realizado por mim, penso que a minha presença junto dos idosos foi uma mais-valia, tanto para mim como para eles, pois originou várias conversas com trocas de conhecimentos e de novas aprendizagens. Estes diálogos, que foram sendo construídos ao longo dos meses em que lá permaneci, serviram não só para ouvir as pessoas que lá estavam, mas para lhes dar voz e dar a conhecer quais as ideias que eles têm e os seus desejos. Esta questão aborda uma função importante do

⁴¹http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/cur_geral.cur_view?pv_curso_id=818&pv_origem=CUR&pv_ano_lectivo=2010

⁴²http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2012&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=M&pv_curso_id=815

profissional, que passa por observar, ouvir e comunicar as necessidades e as vontades dos idosos e agir, enquanto animador/a sociocultural, respeitando sempre o outro. O estágio constitui-se num momento enriquecedor sobre o trabalho de um/a especialista da educação e da formação, que deve ter em conta o público com quem trabalha, as suas limitações e capacidades.

Após o meu percurso de estágio, e depois de toda a análise feita, penso que uma outra vertente da profissionalidade em ciências da educação no contexto de um centro de dia passa, também, por preparar ações de formação mais adequadas para um espaço específico, tendo em conta as pessoas que dele fazem parte. A formação pode ser muito importante para os formandos, na medida em que cria espaços próprios para eles, para as suas aprendizagens e para as suas reflexões, o que poderá permitir um crescimento pessoal e social, usando as suas experiências e vivências para perceber que é um adulto conhecedor e que pode ser capaz de originar mudanças na sua vida e na sociedade. Como o centro de dia onde decorreu o meu estágio é pequeno, o que faz com que pareça um espaço familiar, é importante preparar ações de formação adequadas aquele espaço, onde toda a equipa técnica convive diariamente com a população que serve. Apesar de uma formação em ética e deontologia profissional ser muito importante, também não pode ficar esquecido o tipo de relações criadas e estabelecidas naqueles espaços. Assim, torna-se mais gratificante para o profissional reconhecer e trabalhar a importância da relação com os outros, seja com idosos ou com os seus colegas, em vez de os perceber apenas como uma função inerente ao seu trabalho, o que o pode valorizar ainda mais. Uma nova perceção sobre as relações no contexto podem beneficiar toda a instituição e promover melhor o trabalho de toda a equipa, que já de si se define como multidisciplinar. É relevante refletir sobre o papel de cada um, ter consciência que as funcionárias da cozinha não servem só para preparar as refeições, como a empregada de limpeza não serve só para limpar e como o trabalho das outras funcionárias não se cinge simplesmente ao escritório. Todo o grupo é importante na interação com os idosos e no seu desenvolvimento social e cultural, o que também faz com que exista um retorno e uma maior satisfação perante todo o seu trabalho.

O tempo do estágio, como já referi anteriormente, foi muito importante para um primeiro conhecimento do trabalho de uma especialista em educação e formação.

Foi possível conhecer a atividade de uma instituição, o seu percurso e os seus objetivos, e como os vários profissionais se podem mover dentro da mesma e, ao mesmo tempo, entreajudar-se. Esta ligação com as restantes funcionárias é muito importante para o trabalho de um/a mestre em Ciências da Educação pois, só quando está integrado numa equipa multidisciplinar, é que um/a profissional tem a noção das potencialidades do seu trabalho com os outros. Com essa interação consegue conhecer melhor os idosos com quem vai trabalhar e fazer uma mais adequada planificação da sua intervenção, que leva a que haja um diálogo proveitoso para que seja mais fácil a gestão e a mediação dos conflitos e a elaboração e concretização de projetos significativos. Assim, o/a especialista deve ser uma pessoa que se preocupa com os outros e que tenha disponibilidade para os acompanhar; deve criar uma relação de confiança, de participação, de diálogo potenciando as possibilidades de participação de todos na sociedade (Santos, 1998); deve ser uma pessoa capaz de desenvolver processos de escuta ativa, dar importância à dor e às emoções do outro, de explorar os conflitos e as relações existentes numa perspectiva de valorização das pessoas, individual e coletivamente.

Estas especificidades de um profissional de Ciências da Educação ajudam também a pensar no trabalho de mediação existente entre a instituição, o idoso e a sua família. A mediação tem em vista uma melhor resolução de conflitos, ajudando as partes a encontrar uma solução eficaz para ambas, o que pode originar, também, variadas ideias que podem ser trabalhadas a partir do processo de mediação. Para que o processo de mediação obtenha o sucesso pretendido, é necessário investir em canais de comunicação entre as partes *«com vista ao (r)estabelecimento das relações e interações inexistentes ou fragilizadas»* (Silva, 2010: 121). Assim, o/a mediador/a é a terceira parte, envolvida na mediação, que tem de garantir que existe a comunicação e, se for preciso, tem de estabelecer a ligação entre as partes, para que estas não se percam no seu conflito. O trabalho do/a mediador/a é bastante polivalente, na medida em que tem de escutar ativamente o que as partes em conflito dizem, garantindo a sua confidencialidade, deve gerir o tempo destinado a cada parte para falar, assim como as suas emoções durante todo o processo. Deve, também, mostrar que todo este processo tem em vista a melhoria do futuro, e não a resolução do passado, e por isso deve fazer perguntas para que possa, a partir daí, induzir as partes envolvidas a

encontrarem uma solução benéfica para ambos. O/A mediador/a torna-se importante num centro de dia pois, é ele/ela que constrói, juntamente com os idosos, as pontes com a sociedade. Este tipo de mediação oferece às pessoas mais velhas autodeterminação para que tenham coragem de tomar as suas próprias decisões na sua vida, independentemente da idade, condição física ou económica. É importante que as instituições tenham a hipótese de oferecer as melhores condições para que a mediação aconteça, não só a nível de espaços, mas também de profissionais habilitados, e que se assuma um modo de mediação que vise a estabilidade das relações existentes.

É possível constatar que o trabalho de um/a especialista em educação e formação é muito versátil e polivalente, na medida em que abrange variadas áreas de trabalho com idosos e as suas instituições. Posto isto, tornou-se importante, através da permanência no centro de dia, perceber quais os papéis e funções a desempenhar, que, como já referi, pode variar entre a animação sociocultural, a planificação de ações de formação e o trabalho de mediação. Para este trabalho é essencial conhecer bem o público com quem se vai trabalhar e, a partir daí, perceber quais as prioridades das pessoas com quem se trabalha. É igualmente relevante conceber, planificar, implementar e participar em projetos em conjunto com os intervenientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Este capítulo pretende encerrar o relatório de estágio aqui presente. Contudo, não é possível encerrar em definitivo um momento de construção pessoal e profissional, pois esta evolução não acaba, acontecendo ao longo de toda a vida, com as experiências e vivências que a mesma oferece. Posto isto, este capítulo pretende colocar um ponto final nesta fase da minha vida, mas sem terminar com o seu processo construtivo e de aprendizagem. Assim, torna-se relevante fazer as últimas considerações sobre o meu percurso de estágio, até porque foi também o meu primeiro contato com este tipo de público e com este tipo de instituição, o que talvez tenha influenciado o meu percurso e as minhas interações com o espaço e com as pessoas que dele fazem parte.

Quando fiz uma retrospectiva de todo o meu processo de estágio percebi que o conhecimento feito nos primeiros dias foi muito importante para perceber as rotinas da instituição e, principalmente os seus idosos. Esse conhecimento, feito através de conversas informais e da minha presença no mesmo espaço que eles serviu para quebrar estereótipos e preconceitos sobre as pessoas idosas, na medida em que estes podem ser uma boa fonte de informação e de conhecimento, o que pode levar a que o profissional em Ciências da Educação consiga perceber melhor as pessoas com quem trabalha e, tendo em conta as lógicas da animação sociocultural, pensar e desenvolver, com os idosos, as atividades e projetos mais adequados.

Sendo uma população que viveu uma vida a trabalhar, que tomou conta da sua casa e da sua família, os idosos não devem parar, com a entrada na reforma, na medida em que têm muito para oferecer à sua comunidade e às pessoas com quem se relacionam. Para isso é importante a orientação que algumas instituições podem realizar, como é o caso dos centros de dia e, é neste ponto que um especialista em educação e formação pode trabalhar com os idosos, para que estes continuem num caminho propício ao seu desenvolvimento pessoal e social. Os estabelecimentos existentes para idosos não podem esquecer que os idosos já contribuíram, e continuam a contribuir, para a sociedade, e apesar de terem entrado na idade na reforma, por esse motivo devem estimular *«certas actividades que contribuem para o*

seu desenvolvimento, dando-lhe o sentimento de pertencer a uma sociedade, em cuja evolução podem continuar a contribuir.» (Jacob, 2007: 5).

Esta questão foi bem visível durante todo o meu estágio, na medida em que, como não existe um animador sociocultural permanente na instituição, os idosos passam muito tempo sozinhos e sentados, numa sala destinada para eles. Tendo em conta o trabalho em animação, este espaço deve ser promotor de interações sociais, estimulando a autonomia e a continuação do desenvolvimento de cada idoso.

Com o aumento da população mais idosa, é importante a sociedade criar espaços próprios para os idosos poderem aproveitar o seu tempo com atividades e relações interpessoais que mais lhes interessem, nos seus próprios modos e tempos. Esse é o papel das instituições, os lares de idosos e os centros de dia, que têm de perguntar à população que servem o que pretendem daqueles espaços. As respostas dadas guiarão as instituições a conhecer melhor os seus idosos e a responder às suas necessidades e desejos cognitivos e emocionais, tendo também em conta as suas necessidades alimentares e de higiene. E é neste ponto que o trabalho em animação sociocultural se torna fulcral no funcionamento da vida saudável e otimista dos idosos. Como nos conta Gillet (1995), a animação deve ser libertadora originando uma maior dinâmica na visão que os idosos têm da sua vida, que não precisa de ser obrigatoriamente monótona e rotineira, e oferecer-se como um meio de cultura e uma forma de luta para combater as exclusões feitas pela sociedade pois, *«também as pessoas de idade têm necessidade, na medida das suas capacidades, de ter actividades recreativas.»* (Jacob, 2007: 3).

Tendo em conta o Centro de Dia onde decorreu o meu estágio, os idosos com quem interagi sugeriram algumas atividades para “ajudarem a passar o tempo” - que passavam por ver um filme, não precisando de ser português ou a preto e branco, ler um livro, realizar alguns trabalhos manuais para poderem aprender a fazer coisas novas ou ajudar os outros idosos a fazer algo que soubessem e gostassem de ensinar. Como podemos ver neste exemplo, é importante ouvir as pessoas para que o trabalho que venha a ser desenvolvido seja significativo para eles.

Perante isto, e de forma a concluir este relatório, penso ser importante referir que o tempo de estágio serviu para compreender melhor o que um/a profissional de Ciências da Educação pode fazer num espaço como um centro de dia e, de que forma o

seu trabalho com os idosos e com a equipa técnica podem ser importantes para que exista uma maior aproximação entre a instituição e a comunidade. Para este conhecimento ser possível, todas as conversas e relações criadas no contexto de estágio permitiram uma maior aproximação ao grupo. Numa primeira parte da minha intervenção foi importante conhecer o grupo de idosos e cada um deles para poder perceber o tipo de pessoas que frequentam o centro de dia e como elas se veem naquele espaço que é para elas. Com esta aproximação foi também importante pensar no valor da animação sociocultural, na medida em que integra *«um campo fundamental da ação educativa que abrange públicos muito diversos, está presente em áreas de atividade social muito diversificadas»* (Canário, 2000: 71) e de como seria importante desenvolver essa perspetiva de intervenção com os idosos presentes na instituição. O trabalho com os idosos é fulcral pois é importante reconhecer os outros enquanto pessoas autonomamente capazes de tomarem as suas próprias decisões e caminhos de vida a seguir. Isto também se passa com os profissionais que trabalham com idosos. Não basta dizer que se compreende como eles se sentem. É preciso sentir o que eles sentem para percebermos melhor os seus pensamentos e atitudes e, principalmente, para mudar as opiniões mais comuns sobre o que é ser velho e o que é a velhice, constatando muitos dos estereótipos existentes.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

ANDER-EGG, Ezequiel (1989). *La Animación y los Animadores: pautas de acción y de formación*. Madrid: Narcea;

BARDIN, Laurence (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70;

CANÁRIO, Rui (2000). *Educação e Formação de Adultos: Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa;

CARVALHO, Adalberto Dias de (2002). «Dilemas das Representações Contemporâneas da Velhice» in *Terceira Idade: Uma questão para a Educação Social*, Porto: Universidade Portucalense, Departamento de Ciências Históricas e da Educação;

CASARA, Miriam Bonho (2007). «Entre a velhice e a aposentadoria: Relações Pertinentes». In Agustín Osório e Fernando Cabral Pinto (coord.), *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa* (pp. 253-268). Lisboa: Instituto Piaget;

FERNANDES, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora;

FERREIRA, Pedro Moura (2011). «Envelhecimento ativo e Relações Intergeracionais» in *XV Congresso Brasileiro de Sociologia*;

FONTAINE, Roger (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores;

GILLET, Jean-Claude (1995). *Animation et animateurs*, Paris: L'Harmattan;

GONÇALVES, D., MARTÍN, I., GUEDES, J., PINTO, F. C. & FONSECA, A. M. (2006). «Promoção da Qualidade de Vida dos Idosos Portugueses através da Continuidade de Tarefas Produtivas». *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7 (1), 137-143;

IGREJA, Sandra Manuela Martins (2007). *Cidade Educadora, um Desafio para a Animação Sociocultural: Novas perspetivas de Organização e Intervenção Municipal*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação e Expressões Artísticas. Porto: FPCE-UP;

IMAGINÁRIO, Cristina (2004). *O Idoso Dependente em Contexto Familiar: uma análise da visão da família e do cuidador principal*. Coimbra: FORMASAU – Formação e saúde, Lda;

INSTITUTO da Segurança Social (2012). *Guia Prático – Apoios Sociais – População Adulta – Pessoas Idosas*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I.P.;

JACOB, Luis (2007). *Animação de Idosos*. Cadernos Socialgest nº 4;

LARRAZÁBAL, María Salas (2004). «A Figura e a Formação do Animador Sociocultural». In Jaume Trilla, *Animação Sócio cultural: Teorias, Programas e Âmbitos* (pp. 123-134). Lisboa: Instituto Piaget;

LEYENS, Jacques-Philippe (1985). *Teorias da Personalidade na dinâmica social*. Lisboa: Verbo;

LITTLEJOHN, Stephen W. (1982). *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores;

LOPES, Marcelino de Sousa (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Ed. Intervenção;

MARTIN, I.; GONÇALVES, D.; SILVA, A.; PAUL, C. e CABRAL, F. Pinto (2007). «Políticas Sociais para a Terceira Idade». In Agustín Osório e Fernando Cabral Pinto (coord.), *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa* (pp. 131-179). Lisboa: Instituto Piaget;

OSÓRIO, Agustín Requejo (2004). «Animação Sociocultural na Terceira Idade». In Jaume Trilla, *Animação Sóciocultural: Teorias, Programas e Âmbitos* (pp. 251-263). Lisboa: Instituto Piaget;

OSÓRIO, Agustín e PINTO, Fernando Cabral (2007). *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa*. Lisboa: Instituto Piaget;

PALMEIRÃO, Cristina (2005). *A Interação Geracional como estratégia Educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações* - Relatório de atividades, Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação;

PAÚL, Constança (1996). *Psicologia dos Idosos: O Envelhecimento em meios urbanos*. Braga: Coleção Manuais de Psicologia;

PAÚL, Constança (2005). «Envelhecimento activo e redes de suporte social», pp. 275-288 in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*;

POCINHO, R., SANTOS, E., FERREIRA, J., GASPAR, J., RAMALHO, A., SOEIRO, D. & SILVA, S. (2012). *Envelhecer em Tempo de Crise: Respostas Sociais*. Porto: Legis Editora;

QUINTANA, José María (1986). *Fundamentos de Animacion Sociocultural*. Madrid: Narcea;

ROSA, Maria João Valente (1996). «O Envelhecimento da População Portuguesa» in *Jornais do Público*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Público;

SANTOS, Lia (1998). «Animação Socio-cultural de S. Frutuoso: Uma localidade da freguesia de Ceira». In Actas do 1º Congresso das Licenciaturas em Ciências da Educação, *Ciências da Educação: profissões e espaços sociais* (57-74). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação;

SILVA, Sabina da (2009). *Práticas de Animação de Idosos*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa, Portugal;

TAJFEL, Henri (1982). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*. Lisboa: Livros Horizonte;

TEIXEIRA, Mónica Alexandra Vidal (2008). *Centro de Dia na perspectiva do Utente*. Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal;

TRILLA, Jaume (2004). *Animação Sócio-cultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget;

VIEGAS, Susana de Matos, GOMES, Catarina Antunes (2007). *A Identidade na Velhice*. Lisboa: Ambar, Coleção Idade do Saber;

WATZLAWICK, Paul (2008). *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo : Culturix;

ZIMERMAN, Guite I. (2000). *Velhice: Aspectos Biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed Editora.